

# PREFÁCIO

Entendemos por Reforma um movimento dirigido pelo Espírito de Deus, ocorrido entre 1300 e 1600, visando fazer desabrochar a verdade bíblica que naqueles dias estava quase que totalmente oculta.

A Igreja da época era totalmente apóstata, apesar de usar o nome de cristã. Os homens da religião, em sua maioria, visavam tirar proveito próprio de sua posição, vivendo para os prazeres.

Esta Igreja desconhecia a doutrina da salvação pela fé no Senhor Jesus. Seus ensinamentos eram: boas obras para a salvação, perdão dos pecados através de indulgências (por serviços prestados à Igreja ou por dinheiro), submissão cega à autoridade clerical, proibição da leitura das Sagradas Escrituras pelo povo e a idolatria.

É verdade que nem todos os que colaboraram com a Reforma o fizeram, por motivos espirituais; houve aqueles que aproveitaram as circunstâncias para se livrarem do jugo papista.

É possível, e até provável, que não concordemos com certas doutrinas ensinadas pelos Reformadores, porém, reconhecemo-los como instrumentos nas mãos de Deus para mostrar a Sua graça salvadora por Seu Filho, o Senhor Jesus Cristo.

Os jovens crentes de hoje, quando ouvem “o canto das sereias”, segundo o qual “nós também lemos a Bíblia”, “somos todos irmãos”, “sejamos ecumênicos”, muitas vezes ficam sem resposta a tais afirmações. A leitura deste livro os ajudará a compreenderem a falsidade e a hipocrisia do Romanismo.

R.J.A.

.oOo.

# **MARTINHO LUTERO**

## **O REFORMADOR DA ALEMANHA**

Nasceu em Eislebem, no dia 10 de novembro de 1483. Pouco depois do seu nascimento, os pais mudaram-se para Mansfeld. Aos catorze anos começou a frequentar a escola de Magdeburgo e em 1501 matriculou-se na Universidade de Erfurt, alcançando um ano depois o grau de bacharel em Filosofia.

Todos os seus colegas o estimavam pelo seu gênio folgazão e admiravam a sua aptidão para a música. Queria estudar advocacia, mas a impressão causada pela morte de um dos seus amigos levou-o a deixar os prazeres do mundo e a refugiar-se num convento.

Passados sete anos, vamos encontrá-lo como professor da Teologia na Universidade de Wittenberg. Era um eminente intérprete das Escrituras, comprazendo-se, especialmente, em explicar a Epístola aos Romanos, que inicialmente lhe causava terror, mas que, depois de compreender bem o sentido das palavras do apóstolo Paulo, era para ele um manancial de regozijo.

Apesar de observar os abusos cometidos pela Igreja de Roma e o desprezo com que os teólogos tratavam da doutrina do perdão gratuito, continuava sendo um filho obediente desta Igreja e reverenciava muito a pessoa do Pontífice romano. Sem o querer, porém, tornou-se adversário de Roma. O papa Leão X, membro da famosa casa dos Médicis, desejando obter dinheiro para continuar as obras da suntuosa catedral de São Pedro, em Roma, começada a edificar pelo papa Júlio II, decretou uma venda geral de

indulgências, que era o perdão papal dos pecados às pessoas que contribuíssem com certas importâncias em dinheiro.

Alberto, bispo de Mayença, era o encarregado do tráfico em certas províncias da Alemanha e um dos seus agentes, chamado Tatzel, frade dominicano, chegou a Juterbogkh, perto de Wittenberg, onde morava Lutero. Este Tetzal, a quem a bula pontificia autorizava a absolver os pecados, fez um uso tão escandaloso desta autorização papal que Lutero não pôde conter-se. Quando alguém no confessionário lhe apresentava as indulgências de Tetzal, afastava o documento e só “absolvía” essa pessoa depois que ela promettesse emendar sua vida.

Finalmente, deu um passo mais decisivo. No dia 31 de outubro de 1517, o povo, ao entrar na igreja principal de Wittenberg, viu afixado na porta um papel em que estavam escritas noventa e nove teses ou proposições contra as indulgências e o seu comércio.

Foi intimado a apresentar-se ao cardeal Caetano em Augsburgo, que lhe exigiu uma retratação das referidas teses. Como, porém, ele recusasse, recorreu-se à astúcia. Carlos de Miltiz, que havia sido enviado à Alemanha como portador da rosa de ouro para o eleitor da Saxônia, teve uma entrevista com Lutero, na qual tratou de convencê-lo de que o procedimento de Tetzal havia sido reprovado até pelo próprio papa, o qual mantinha grandes desejos de reformar a Igreja.

Lutero consentiu então em escrever ao papa uma carta na qual declarava a sua submissão, mas a controvérsia tinha avançado muito para se lhe pôr um ponto final desta forma. Roma, após uma certa hesitação, excomungou os hereges alemães, mas, antes de a bula de excomunhão chegar, Lutero já tinha publicado o seu “Apelo à Sua Majestade Imperial” e à nobreza da Alemanha para uma reforma do Cristianismo.

O jovem imperador Carlos V começou a preocupar-se com a questão religiosa que se levantara na Alemanha. O papa queria que ele, como filho obediente da Igreja, obrigasse o frade apóstata a emudecer, mas Lutero havia conquistado os corações e era protegido pelo príncipe, o eleitor da

Saxônia. O imperador Carlos V não estava disposto a aumentar o número dos seus inimigos. Finalmente, resolveu-se que Lutero fosse intimado a comparecer perante a Dieta Imperial, que ia reunir-se em Worms.

Lutero recebeu tranquilamente a intimação e despediu-se de seus amigos, exortando-os a permanecerem firmes na verdade que ele lhes havia ensinado. Em todas as cidades por onde passava no caminho para Worms vinham ao seu encontro multidões com o fim de verem o frade que tivera coragem de desafiar Roma e a sua chegada a Worms provocou uma grande comoção na cidade.

No dia 17 recebeu uma intimação para comparecer perante a Dieta às 4 horas da tarde. À hora indicada dirigiu-se ao Palácio Episcopal, onde o imperador e seus grandes da Corte se achavam reunidos. Eram 6 horas da tarde quando, esgotados outros assuntos que até então prenderam a atenção da augusta assembleia, Lutero foi introduzido no salão.

João Eck, chanceler do arcebispado de Treves, perguntou-lhe se certos livros, cujos títulos nomeou, haviam sido escritos por ele e se estava disposto a retratar-se do que havia escrito. Quanto à primeira pergunta, Lutero respondeu afirmativamente e, quanto à segunda, pediu algum tempo para refletir, sendo-lhe, após alguma hesitação, concedido um dia de espera.

No dia seguinte, tornou a comparecer à Dieta e respondeu que não se retratava de coisa alguma, reconhecendo, contudo, que em alguns pontos havia usado uma linguagem forte. Em particular, fizeram-se muitas tentativas para o dissuadir em relação à sua atitude, mas foi tudo em vão.

Lutero saiu de Worms com a intenção de regressar a Wittenberg, mas, ao passar pela floresta de Eisenach foi detido por ordem do príncipe da Saxônia e conduzido ao castelo de Wartburg, antiga residência de Isabel da Hungria. O príncipe, que sempre foi um amigo verdadeiro, conservou-o ali num aprazível cativo, protegendo-o.

Lutero permaneceu no castelo cerca de um ano, após o qual abandonou aquele lugar de segurança secretamente e sem a permissão do príncipe. Ele sabia que estava expondo-se a um grande perigo, mas as cartas que recebia de Wittenberg mostravam-lhe que a sua presença era necessária naquela cidade. Durante o seu sequestro em Wartburg, Lutero havia começado uma tradução do Novo Testamento que continuou depois em Wittenberg com a ajuda de Melancton, que era mais entendido na grego do que Lutero.

Já havia algumas Bíblias em alemão, mas eram traduzidas da Vulgata Latina e continham muitas inexatidões. Além disto, estavam escritas num estilo que as tornava incompreensíveis para o povo. Lutero não se poupou a sacrifícios para apresentar um trabalho que fosse aceito por todas as classes de pessoas. À tradução do Novo Testamento seguiu-se a do Antigo Testamento e a Bíblia do Dr. Martinho Lutero, como foi conhecida, é ainda hoje a Bíblia do povo alemão. É uma das melhores traduções da Bíblia que se conhece e o seu constante uso faz com que se conservem muitas palavras expressivas que, de outra maneira, já teriam desaparecido.

Em julho de 1525, Lutero casou-se com a ex-freira Catarina de Bora, que, fugindo do convento, se refugiara em Wittenberg. O casamento foi muito feliz e dele nasceram três meninos e duas meninas.

O eleitor João, da Saxônia, que havia sucedido a seu irmão Filipe, o landgrave de Hesse, e outros príncipes alemães tinham confessado tão ousadamente a sua fé evangélica que Fernando, o irmão de Carlos V, hesitou em condenar, segundo as instruções deste, todos aqueles que não quisessem submeter-se ao Édito de Worms. Entretanto, o imperador teve uma questão com o papa e por sua instigação a Dieta de Spira concedeu uma tolerância temporária a todos os que professassem a religião evangélica.

Em 1529, reuniu-se novamente a Dieta de Spira e decretou que os evangélicos fossem privados de uma grande parte dos privilégios que se lhes concedera. Foi nesta ocasião

que os aderentes da Reforma fizeram o célebre protesto que lhes ganhou o apelido de protestantes.

Lutero, no princípio, considerava a Ceia do Senhor como um ato simplesmente simbólico, sendo esta também a opinião de Zwinglio, o reformador suíço. Mais tarde, porém, mudou de ideia e declarou que o corpo de Cristo está “em, com e sob o pão e o vinho”. Teve, finalmente, uma violenta discussão com Zwinglio a este respeito, no fim da qual, havendo-lhe este estendido a mão, Lutero recusou apertá-la, pois não o considerava como membro do Corpo de Cristo.

Esteve prestes a formar-se um cisma no meio da igreja nascente, mas, havendo os dois adversários, a pedido do landgrave, feito por escrito a sua confissão de fé, viu-se que concordavam em todos os outros pontos.

Separaram-se como bons amigos, mas decididos ambos a tornar bem público o fato de terem opiniões diferentes quanto à Ceia do Senhor.

Durante o resto da vida de Lutero a espada esteve sempre, por assim dizer, suspensa sobre os protestantes da Alemanha. O imperador não teria hesitado em fazer uso de meios violentos para acabar com a nova doutrina se os perigos que ameaçavam o império não o obrigassem a uma certa tolerância.

O que mais afligia Lutero era ver que muitos que tinham o nome de evangélicos desonravam este nome. Filipe de Hesse, o mais talentoso dos príncipes que havia abraçado o protestantismo, casou em segundas núpcias, tendo a primeira mulher ainda viva. Lutero e Melancton fizeram todo o possível para dissuadir de tal passo, mas seus esforços foram inúteis.

Lutero, que havia imaginado que a pregação do Evangelho produziria maravilhas na Alemanha, chegando mesmo a compenetrar-se de que Isaías se referia ao século dezesseis quando falou do deserto que se havia transformado em campo fértil (Isaías 32.15), começou a ser tomado de um certo desalento, tendo por inútil toda a sua vida passada. Além disto sentia-se doente e o mal foi agravando-se até que,

tendo ido a Eisleben para reconciliar os condes de Mansfeld que se tinham indisposto um com o outro, veio a falecer em 18 de fevereiro de 1546.

Um pouco antes de expirar, disse em latim estas palavras do seu evangelho favorito: “Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigênito, para que todo o que nEle crê não pereça, mas tenha a vida eterna”.

.oOo.

## **JOÃO CALVINO**

### **O REFORMADOR DE GENEVRA**

Nascido em Noyon, na Picardia, uma região da França, no dia 10 de julho de 1509, Calvino achou-se, desde a infância, de posse de tudo quanto podia desenvolver-lhe o extraordinário talento que tinha.

Foi criado e educado com os filhos da nobre família dos Mommors. Aos catorze anos foi para Paris, matriculando-se do Colégio de La Marche, cujo diretor era Cordier, eminente homem de letras. Depois frequentou o Colégio de Montaign, dedicando-se ao estudo da Filosofia e de Línguas, no que progrediu notavelmente.

Já estava habilitado a estudar o Novo Testamento na língua original. Conhecia o latim a fundo e o estilo de suas obras escritas nesta língua geralmente tem sido muito admirado. Do hebraico sabia o suficiente para compreender as Escrituras do Antigo Testamento.

A conversão de Calvino foi rápida e pode ser atribuída a dois fatores: o estudo das Escrituras com a influência de amigos que viviam em comunhão com Cristo e o bom

testemunho de muitos membros da Reforma que deram ao sofrerem de perseguição.

Calvino havia sido o que se chama um bom católico romano e, tanto por sua natureza quanto pela educação que recebera, acatava muito a autoridade e era pouco propenso a libertar-se daquilo que lhe havia sido imposto.

Os acontecimentos, porém, tinham-lhe mostrado que a reforma da Igreja não podia ter lugar dentro dela. Ao mesmo tempo, o seu espírito, esclarecido pela Palavra de Deus, não se sentia satisfeito com uma religião que constava principalmente de exterioridades.

A luz que pelo céu foi acesa no coração do moço doutor, não tardou em adquirir um brilho intenso. Calvino agregou-se aos luteranos de Paris e expôs em suas assembleias a Palavra de Deus, que para eles tinha tanta novidade e era tão preciosa.

Segundo conta a tradição, ele tinha por costume terminar todas as suas pregações com as seguintes palavras: “Se Deus é por nós, quem será contra nós?”

Uma das pessoas com quem ele tinha grande intimidade era Nicolau Copp, reitor da Universidade de Paris. Aconteceu que, chegada certa época do ano em que Nicolau tinha de fazer um discurso, alguns amigos de Calvino sugeriram-lhe a ideia que este discurso fosse preparado por Calvino. Este pôs logo mãos à obra, expondo pela boca do reitor, a necessidade de reformar a Igreja. O caso fez grande barulho e veio a descobrir-se que o autor do manifesto era o próprio Calvino, o qual, para salvar a vida, viu-se obrigado a fugir. Desde então, ele é considerado o campeão da Reforma na França.

Após uma série de aventuras e de situações arriscadas, estabeleceu-se temporariamente em Basileia, que era naquele tempo a Atenas da Suíça, a pátria da literatura e da ciência. Tornou-se, nesta cidade, amigo de Gryneu e do ilustrado Capito, o qual o animou a prosseguir no estudo do hebraico, que tão útil lhe foi quando escreveu os seus comentários aos livros do Antigo Testamento.



A primeira coisa que Calvino escreveu depois de sua conversão foi uma réplica a uns certos hereges que afirmavam que a alma, após a morte, dorme até o dia do juízo. No mesmo ano em que este trabalho apareceu, reviu ele a tradução da Bíblia em francês feita por Olivetan, ajudando assim a tornar conhecida a Palavra de Deus por aqueles que falavam uma língua materna.

Foi em 1536 que Calvino publicou a grande obra que constitui, por assim dizer, uma das etapas da doutrina cristã. “Os Estatutos da Religião Cristã” são uma enciclopédia teológica superior em comparação com a qual nada apareceu até agora. O seu autor tinha na ocasião vinte e seis anos de idade.

Não podia ser mais oportuna a publicação daquela obra, pois que os inimigos do Evangelho apregoavam, mais do que nunca, que os reformadores eram fanáticos, que atentavam contra a estabilidade dos tronos, a ordem da sociedade e a continuação do culto religioso.

O seu trabalho em Genebra começou de uma forma original e completamente inesperada. Dirigia-se ele para certa localidade onde tencionava viver por algum tempo entregue aos seus trabalhos literários e, desejando evitar a fronteira oriental da França, ocupada então por dois exércitos em guerra, penetrou na Suíça e chegou a Genebra, disposto a passar ali a noite e prosseguir a viagem no dia seguinte.

Fazia quatro anos que Farel, o veemente e destemido Farel, “a maldição dos padres”, o maior evangelista que o protestantismo francês tem produzido, se encontrava nesta mesma cidade de Genebra. A sua posição era um tanto crítica: havia ali um bom número de sinceros aderentes da Reforma. Aqueles, libertos da dominação dos padres, mas o número de católicos era bem maior, aqueles não se sujeitavam de boa vontade às restrições da igreja evangélica.

Foi nesta conjuntura que Calvino apareceu em Genebra. Farel foi informado da sua presença e teve uma entrevista com ele e, após certa insistência, conseguiu que Calvino

fixasse residência na cidade. Começou sua obra ali, explicando as Escrituras.

Levou muito a sério a educação da mocidade, nomeando Saumier, um dos seus amigos, inspetor geral das escolas. Reformou o cerimonial dos casamentos, promoveu um maior uso dos salmos e combateu por todas as formas o vício. Durante um certo tempo, a perspectiva foi deveras animadora. Os falsos mestres da igreja tiveram que bater em retirada perante a irresistível argumentação de Calvino.

Não parou, porém, que se produzisse a reação. Eram medidas fortes demais aquelas, tratando-se de pessoas que, na véspera, por assim dizer, viviam na ignorância, na superstição e na imoralidade.

O partido contrário aos religiosos, denominado os Libertinos, não se cansavam de insistir em que a cidade, naquela submissão a Calvino e a Farel, calcava aos pés as suas antigas liberdades. Tanto influenciaram a população que, nas eleições de fevereiro de 1538, alcançaram a maioria e ficaram no poder. Recomeçaram então as desordens e os deboches e, como os magistrados não opunham a estes males uma forte repreensão, os pastores começaram a pregar contra elas. A situação torou-se grave.

As autoridades expulsavam dos púlpitos os ministros que se recusavam a dar a comunhão àqueles a quem reputavam indignos disso. Por fim, em virtude dos sermões que sobre este assunto pregaram Calvino e Farel no domingo de Páscoa de 1538, o Conselho da cidade achou por bem desterrá-los.

Calvino foi residir em Estrasburgo, na Alemanha, cidade que Bucar chamou “a nova Jerusalém do protestantismo”. Nesta cidade ocupou o púlpito da igreja de S. Nicolau, estabelecendo na congregação a ordem e a disciplina presbiterianas e provocando a admiração e a inveja dos alemães.

Foi em Estrasburgo que Calvino se uniu pelo matrimônio a Idalette Von Buren, em quem encontrou uma fiel, dedicada e terna esposa. A sua felicidade foi interrompida pela doença que a ambos acometeu e pela morte de seu único filho.

Idalette faleceu em 1549 e Calvino parece ter-se ressentido muito com a sua perda. O casal vivia com poucos recursos, mas nunca chegaram a conhecer a necessidade e em sua casa seus amigos e discípulos sempre encontravam hospitalidade.

Na cidade de Genebra reinava uma completa anarquia e só havia um meio para acabar com aquele estado de coisas: chamar novamente Calvino.

Em outubro de 1540, o governo enviou um ofício ao grande reformador, rogando-lhe que viesse retomar a sua posição de outrora e prometendo-lhe um decidido apoio em todas as questões. Calvino hesitou, mas, cedendo às instâncias de seus amigos, resolveu aceitar o convite.

Foi desde esta data que se estabeleceu o presbiterianismo nas igrejas de Genebra. O exílio não deixou deter sua influência no caráter de Calvino. Embora ainda conservasse suas fortes convicções, notava-se-lhe mais brandura na linguagem.

Dos teólogos que no século XVI foram escolhidos pela Providência Divina para exporem as grandes doutrinas da fé cristã, João Calvino era o mais versado nas Escrituras e o que com mais facilidade fazia emudecer os adversários. Era um extremado defensor da doutrina da predestinação e em diferentes controvérsias que sustentou com os partidários do credo romano deixou bem proclamada a absoluta soberania de Deus.

Em 1562, a saúde de Calvino começou a declinar seriamente, mas durante seus anos o seu inquebrantável espírito o sustentou e ele pôde continuar trabalhando.

Um dos pontos mais debatidos pelos teólogos do século XVI foi a da Ceia do Senhor. Lutero, como é sabido, acreditava na presença real, nos elementos, do corpo e do sangue de Jesus Cristo, mas os reformadores suíços até isso mesmo negaram, declarando que até mesmo e afirmou que o comungante toma para si o corpo e o sangue de Cristo, não corporalmente, mas pela fé. E é esta a doutrina que tem sido geralmente aceita pelas igrejas reformadas.

No dia 27 de março foi transportado para a Câmara do Conselho e, com aquela placidez que sempre demonstrou em tudo, propôs um reitor para a Universidade. A seguir, tirou o barrete e agradeceu aos senadores a bondade e a consideração com que o haviam tratado sempre, terminando com estas palavras, que fizeram chorar a assembleia: “É esta a última vez que aqui venho”.

O grande reformador expirou no dia 27 de maio de 1564, cobrindo-se de luto toda a cidade. Todas as classes o prantearam, pois que a sua morte representava uma verdadeira perda para Genebra.

De acordo com o seu desejo, teve um enterro muito modesto e nem sequer uma lápida foi levantada no lugar onde as suas cinzas repousam.

.oOo.

## **GUILHERME FAREL O EVANGELISTA DA SUÍÇA FRANCESA**

Guilherme Farel nasceu em 1483, em Gap, na região chamada Delfinado, na França. Ao que parece, o pai era um dos grandes agricultores da região e um católico ferrenho. Comprovando isso, conta-se que Guilherme foi uma vez obrigado pelo pai a percorrer dez léguas para ver uma célebre cruz, na qual estava afixado um pequeno crucifixo feito, segundo a tradição, de um pedaço de madeira extraído da cruz do Calvário ao qual se atribuía um bom número de milagres.

Em 1510, partiu para Paris e não tardou em travar conhecimento com Pedro Le Fevre, abalizado professor que, pelo seu comentário às Epístolas de Paulo, foi cognominado “o Reformador antes da Reforma”. No espírito de Farel, segundo se diz, causou profunda impressão o fervor com que Le Fevre tratava os assuntos religiosos. Le Fevre continuou sendo católico romano.

Lutero não era conhecido naquela época e aqueles a quem as corrupções religiosas indignavam punham a esperança numa reforma do Catolicismo, isto é, numa reforma dentro da Igreja. Le Fevre fez-se amigo íntimo do jovem provinciano que, sob a sua direção começou a estudar hebraico e se tornou um assíduo leitor das Escrituras Sagradas.

Farel experimentou muitos conflitos espirituais antes de encontrar a paz no Evangelho de Jesus Cristo. Os seus amigos católicos romanos fizeram todo o possível para que ele não renegasse a fé estabelecida, mas outras influências mais poderosas levaram-no a se afastar de Roma.

Farel não tardou em descobrir que muitas doutrinas e cerimônias da igreja romana não tinham apoio em o Novo Testamento. E foi assim que, em 1520, tendo quase trinta anos, não somente deixou de respeitar no seu íntimo a religião em que fora educado, como se tornou o que poderíamos chamar um protestante.

Muitos dos mais nobres filhos da França foram expulsos do seu país natal quando a Reforma começou a ser aceita pelas classes mais cultas. Farel e Calvino tiveram que sofrer esta pena imposta pela intolerância. Obrigado a retirar-se de Meaux, lembrou-se de visitar a sua terra natal, mas, sendo mal recebido, partiu para a Suíça, acompanhado por Anemond, convertido por ele.

Farel era uma individualidade, possuía um caráter “sui generis” e, como todos os homens assim dotados, de outro lado despertava antipatias e hostilidades. Calvino chamava-o o seu melhor e mais estremecido amigo. Por outro lado, entre

o frio cauteloso e egoísta de Erasmo e o expansivo e desinteressado Farel, levantou-se uma insuperável barreira.

Animado por Ecolampadio, o refugiado francês trouxe à luz treze artigos nos quais expunha a regra da fé cristã e nos quais atacava os dogmas romanos da justificação pelas obras e do sacrifício da missa. Ao mesmo tempo, desafiava os padres da cidade a impugnarem estes artigos, declarando-se pronto a defendê-los com quer que fosse. Temendo as consequências de uma discussão pública, a Universidade proibiu àqueles sobre quem tinha autoridade a aceitarem semelhante repto. Esta série de doutrinas apresentadas por Farel fez uma impressão em muitos espíritos e alcançou-lhe alguns sinceros aderentes. Mas também lhe criou inimigos e, pouco depois, o grande reformador recebia ordem do Concílio para sair da cidade.

Passando um ano, voltou para Estrasburgo, onde ajudou Bucer e Capito na publicação de suas obras teológicas e onde dirigiu frequentes vezes a Palavra aos refugiados franceses que abundavam naquela cidade hospitaleira.

Em Berna, cidade inclinada ao protestantismo, teve Farel um debate com 300 padres, vencendo-os com a força dos seus argumentos. Em consequência disto, a cidade declarou-se protestante e Farel obteve autorização para pregar a Palavra de Deus em todo o Cantão de Berna, recebendo, além disso, cartas de recomendação para os outros Cantões.

Em Orbe, o reformador opôs-se à venda das indulgências, repreendendo asperamente o frade que se entregava a este tráfico tão conducente à prática do pecado. Daí em diante, moveram-lhe uma guerra tremenda. Sem importar-se com o clamor dos homens, das mulheres e dos rapazes, Farel continuava a pregar a Cristo, mostrando o sacrifício da confissão, a loucura de confiar nos santos e o caráter antibíblico de todo o sistema católico romano.

Em Tavanne, entrando numa igreja onde estava-se dizendo uma missa, Farel começou a pregar e tão comoventes foram as suas palavras que o povo despedaçou as imagens

que estavam em cima dos altares e levou o padre, pondo-o na rua!

No princípio de 1530, Farel apareceu em Neuchatel, onde predominava o elemento católico. O povo apinhava-se nas ruas ou em qualquer lugar público para ouvir o famoso pregador francês a quem as hostilidades não amedrontavam. O clero romano moveu-lhe uma tão feroz perseguição que o Concílio de Berna teve de interferir a favor do emissário.

Prosseguindo as suas viagens, Farel foi dar na cidade de Valengin, acompanhado de um rapaz chamado Boyce, que parecia tão entusiasmado quanto o seu mestre. Entraram na igreja, quando a missa estava no meio e, quando o padre pegou na hóstia, o rapaz tirou a hóstia das mãos do padre e, voltando-se ao povo, disse: “Deus não está entre as mãos de um homem, como os padres querem fazer-lhes acreditar. É lá em cima, no céu, que a incorruptível majestade de Cristo repousa na glória de Deus Pai”.

Levantou-se um tumulto, atacaram e feriram os reformadores e o sangue de Farel manchou as paredes da igreja. Depois foi arrastado até uma capela próxima onde, aos pés de uma imagem da virgem Maria, o intimaram a abjurar as doutrinas que andava pregado. Ele, em resposta, citou os trechos da Bíblia que condenavam o culto das imagens e é interessante observar que em junho de 1531 foi abolido em Valengin o sacrifício da missa, implantando-se o cristianismo evangélico.

As circunstâncias em que a cidade de Genebra se encontrava atraíram o espírito empreendedor de Farel, o qual, encomendando-se à proteção de Deus, resolveu empregar todos os seus esforços para evangelizá-la. Foram tantos os insultos que sofreu nesta cidade que se viu obrigado a retirar-se para Yvonand, mas partiu de novo para Genebra em 1533 a pedido de alguns habitantes e sob a proteção da cidade de Berna.

Achando o terreno melhor preparado do que anteriormente, logrou alcançar bom êxito nas suas prédicas, algumas das quais feitas em público. Por fim, o povo insistiu

com ele para pregar na igreja da Magdalena, a suntuosa igreja gótica, cuja fundação data do século XI. Os padres, aterrorizados, fugiram, deixando-lhe o campo livre e, em 29 de março, Farel falou a um auditório de seis mil pessoas.

Em seguida, pregou na Catedral de S. Pedro, na presença dos 200 membros do Concílio e pode-se afirmar que a Reforma estabeleceu-se desde então em Genebra. Nas igrejas tudo agora era simples e espiritual, tudo era baseado nas doutrinas do Novo Testamento. Já não se diziam missas, nem se comia pão consagrado à mesa do Senhor. As imagens desapareceram das igrejas. Em 21 de maio de 1536, os habitantes da cidade reuniram-se a pedido de Farel, agora o mestre respeitado por todos, e prestaram juramento de fidelidade ao Evangelho.

Alguns meses depois de sair de Genebra, Farel recebeu um convite do Conselho e da igreja de Neuchatel para voltar a esta cidade. Parece que nesta ocasião Farel estava um tanto desanimado e que não tardaria em deixar aquela vida aventureira em que se metera, entregando-se por completo ao estudo.

Foi, porém, procurado por uma comissão composta de dois conselheiros e dois presbíteros que vinha, em nome dos habitantes de Neuchatel, dissuadi-lo de semelhante resolução. “Venha”, disseram-lhe eles, “Termine o edifício que principiou”. Ele ainda hesitou, mas, aconselhado por amigos e por outros vultos proeminentes da Reforma, acedeu por fim. Impôs, porém, uma condição teria que seria introduzida nas igrejas a disciplina estipulada em o Novo Testamento.

Como sempre lhe aconteceu em toda parte e como sempre tem acontecido a todos os homens que se colocam em evidência, não lhe faltaram amigos fervorosos e inimigos irreconciliáveis.

Em certa ocasião, as desavenças chegaram a tal ponto que foi ameaçado com a ordem de sair da cidade em dois meses. A sua atitude resoluta, independente, sem temor e a sua obediência exclusiva à autoridade de Cristo venceram



todas as dificuldades. O édito de expulsão foi revogado e Farel pôde prosseguir na sua obra de evangelização.

Como a distância de Genebra a Neuchatel não era grande, Farel e Calvino encontravam-se frequentemente. E quando não se podiam visitar, escreviam um para o outro. Quando em 1553, a situação de Calvino em Genebra se tornou bastante crítica, em virtude que a guerra acesa que o partido dos Libertinos lhe movia, Farel partiu em seu socorro e num dos sermões que pregou em Genebra atacou desassombrosamente os Libertinos, acusando-os de ateísmo.

Pouco depois voltou para Neuchatel, mas foi tal a agitação que suas palavras produziram que o Conselho de Genebra o intimou a vir responder às acusações dos Libertinos. Estes, apenas o viram reaparecer, cobriram-no de insultos e manifestaram a sua intenção de o lançarem no Rio Reno. Os habitantes da cidade, porém, que não se haviam esquecido dos serviços que lhe deviam, foram depor a seu favor no Conselho e o certo é que mestre Farel como o chamavam obteve uma sentença absolutória, podendo continuar a exercer fielmente as suas funções de pastor espiritual.

Farel, quando já se aproximava da velhice, desposou Maria Torel, filha de uma viúva protestante, que viera de Roma para refugiar-se em Neuchatel. O casamento proporcionou-lhe grande felicidade.

Até o fim de sua vida trabalho sempre sem prola da verdadeira religião e, posto que a sua residência habitual fosse em Neuchatel, fazia muitas viagens a outros pontos com a intenção de proclamar o Evangelho.

Aos sessenta e três anos visitou o Delfinado, a sua terra natal, pregando pelas diversas povoações, onde certamente ninguém se lembraria dele.

Indo em 1505 a Metz, voltou de lá muito doente. O fim aproximava-se. Os seus e discípulos iam vê-lo todos os dias. O seu quarto ficou, por assim dizer, transformado num templo cujo púlpito era o seu leitor.

No dia 13 de setembro, contando sessenta e seis anos, e tendo-se conservado fiel até o fim, foi reunir-se aos seus cooperadores e, acima de tudo, ao seu Salvador, no país da imortalidade.

.oOo.

## **FILIFE MELANCTON**

### **O PRECEPTOR DA ALEMANHA**

Perdida nas montanhas que cercam o vale do Rio Reno, a umas vinte milhas ao sul de Heidelberg e perto da estrada de ferro que liga Carlsruhe a Estrasburgo e Basileia, está a pequena cidade de Bretten, onde nasceu Filipe Melancton.

Filho primogênito de Jorge Schwarzerd, viu pela primeira vez a luz deste mundo à uma hora da tarde do dia 16 de fevereiro de 1497. Ficando órfão do pai aos dez anos, foi, com seu irmão Jorge, enviado para Pforzheim, para a casa de sua avó, começando então a frequentar a escola.

Jorge Simler, diretor do ginásio de Pforzheim era muito versado no latim, no grego e no hebraico e comprazia-se em ensinar estes idiomas, numa classe à parte, àqueles dos seus alunos que possuíam maior inteligência. Entre todos os seus alunos, nunca encontrara nenhum com tanta aptidão para aprender do que o mais velho dos irmãos Schwarzerd, do qual se tornou, ao mesmo tempo, professor dedicado e amigo afetuoso.

De vez em quando, costumava visitar aquela localidade um cavalheiro de Wurtemberg a quem Filipe venerava por ser irmão de sua avó e a quem venerava ainda mais por ser o famoso Dr. Reuchlin. Filipe, ainda que fosse uma criança

para apreciar o valor de um homem como Euchlin, via nele alguma coisa que o fascinava com um natural entusiasmo que se referia ao famoso hebraísta.

Ainda que não soubesse mais nada a seu respeito, sabia que era um mestre naquela língua na qual foi escrita a história sagrada e sem o conhecimento da qual o Antigo Testamento seria para nós um livro selado e só em parte é que compreenderíamos o Evangelho. Melancton matriculou-se em 1508 na Universidade de Heidelberg. Não se pode dizer que a escolha fosse muito acertada, pois que os homens que haviam tornado célebre aquele estabelecimento de ensino haviam desaparecido e ninguém tratara de introduzir nele o mais moderno e racional sistema de educação que já tinha sido adotado em outras Universidades.

Quando, passados três anos, Melancton saiu de lá com o seu diploma de bacharel, pouco mais adiantado estava do que quando ele entrara e assim, em setembro de 1512, resolveu matricular-se na Universidade de Tubingen. Achou-se num ambiente completamente diferente. Embora as duas cidades não fossem distantes uma da outra e o mesmo Rio Tubingen as banhasse, pelo aspecto intelectual, esta última constituía um mundo à parte.

Reuchlin recebeu um dia uma carta do Duque Frederico da Saxônia na qual este lhe pedia que lhe indicasse uma pessoa competente para reger a cadeira de grego na Universidade de Witenberg. O doutor respondeu-lhe imediatamente, dizendo que o individuo mais apropriado era um parente seu: o jovem Filipe Melancton. Para o Duque, estas palavras foram suficientes e o negócio, preenchidas as indispensáveis formalidades, ficou concluído.

Por causa de sua pequena estatura e dos seus modos acanhados, não se podia dizer que causasse uma boa impressão quando se apresentou na Universidade, mas a sua primeira aula foi um verdadeiro triunfo e constituiu um dos mais notáveis acontecimentos na história espiritual e intelectual da Europa. “A alma e o cérebro de toda a teologia

é Cristo”, eis as palavras com que terminou seu empolgante discurso.

Melancton, porém, estava destinado a uma missão bem mais elevada. Devoto por natureza, o estudo que fez do Novo Testamento grego robusteceu-lhe as convicções. Além disso, a intimidade com Lutero atraiu-o para aquelas coisas que se discernem espiritualmente.

Melancton acompanhou com a máxima atenção as controvérsias que Lutero sustentou com os papistas e, quando o Dr, Eck, a propósito de uma observação, o chamou, por desprezo, “o gramático”, publicou um panfleto em que mostrou entender tanto de liberdade e de teologia quanto de grego e no qual tornou cientes os inimigos de Lutero de que tinham pela frente outro formidável adversário.

De fato, conservou-se sempre ao lado do famoso reformador alemão e, quando em 1521, Lutero partiu para Worms, tendo quase a certeza de não mais voltar, foi a Melancton que confiou a difícil tarefa de o substituir.

O professor casou em 1520 com Catarina Crapp e nunca houve um lar mais ditoso do que aquele em que os dois cônjuges constituíram, apesar dos muitos afazeres de Melancton, que lhe roubavam uma grande parte da felicidade doméstica.

Quando, após algumas semanas de repouso, que ele aproveitou para visitar de novo os lugares de sua infância, voltou a Wittenberg, as coisas apresentavam um aspecto pouco animador. Circulavam perniciosas deturpações do Evangelho, que astuciosas entidades se empenhavam em popularizar e, além disso, a guerra civil, com todos os seus horrores, alastrava-se cada vez mais.

Apelava-se para Melancton sempre que era preciso defender a verdade e não era em vão que se recorria ao seu auxílio, mas repugnava-lhe tomar parte na sufocação de uma revolta que não era mais do que o primeiro passo para a emancipação do povo.

O que, porém, o absorvia mais eram as frequentes Dietas e Conferências, por meio das quais a Reforma ia tomando

vulto e ganhando terreno. Uma coisa que não permitia um avanço mais rápido era a desunião que havia entre os protestantes em relação à Ceia do Senhor, mas, depois da chamada Concórdia de Witternberg, tudo se harmonizou e a Reforma prosseguiu, disciplinada pelos seus próprios desastres, libertada de perigosas alianças e inspirada pelo invencível espírito de devoção.

Melancton tomou parte em todos estes conflitos, unindo seus esforços aos daqueles que procuravam uma conciliação, mas onde se colocou mais em evidência foi na Dieta de Augsburgo. Nunca uma assembleia se revestiu de mais aparato, nem teve tanto o caráter de uma luta eclesiástica. A sua Confissão, que bem poderíamos chamar o Manifesto do partido da Reforma, foi depois de poucos dias, lido na capela real, onde não coube toda a gente que acudiu para ouvir a leitura.

Causou uma profunda impressão, quando o dr. Eck, famoso papista, declarou que poderia refutar as novas doutrinas com as obras escritas pelos grandes luminares da Igreja, mas não com a Bíblia, o Duque Guilherme da Baviera, que era católico, disse: “Sim, tem razão; os luteranos estão dentro das Escrituras, nós giramos em volta”.

No verão de 1540, Lutero recebeu a notícia de que o seu amigo estava moribundo; partiu imediatamente para Welmar e certificou-se de que não o haviam enganado. Com a lividez da morte no rosto, mal se lhe percebendo as pulsações, já sem poder falar, o sábio, o mestre Melancton estava prostrado no leito, vencido naquela luta sem tréguas em que andara envolvido.

Lutero orou com todo o fervor, conservando entre as suas mãos as do enfermo e disse-lhe que era preciso não morrer ainda e, como se Lutero lhe tivesse insuflado um pouco de sua exuberante vida, Melancton começou desde aquele momento a restabelecer-se. Foi, afinal, Melancton que proferiu a oração fúnebre por ocasião do enterro de Lutero.

Poucas vezes tem havido uma cerimônia mais triste e, quando Filipe saiu da igreja, onde uma sepultura lhe escondia para sempre a máscula face do amigo querido, e foi para casa meditar no futuro, sentia indizível amargura no coração. Chegavam ecos de guerra que estava sendo travada tanto no oriente quanto no ocidente. Os conflitos teológicos tinham finalmente terminado, para darem lugar a uma luta política.

Em dezembro de 1548, o duque Maurício da Saxônia mandou escrever um manual para uso dos cultos de que todos, católicos e protestantes, se pudessem guiar, enquanto se realizava um Concílio Geral. Alguns teólogos colaboraram nele, sendo Melancton um deles. Era uma espécie de formulário em que se tratava, não tanto de matérias de fé, mas da maneira de celebrar os serviços religiosos e forçoso é dizer que não constituiu nenhum triunfo para a igreja evangélica.

Não foi atacada nenhuma das verdades essenciais, é certo; mas fizeram desnecessárias e lamentáveis concessões. O próprio Melancton não ficou satisfeito, mas levado pelo seu espírito tolerante e amigo da paz, não apresentou objeção alguma.

Filipe foi alvo de algumas censuras. A nobre alma, porém, que na Confissão do Luteranismo defendeu intransigentemente o Evangelho, nunca mostrou mais severidade. O homem realmente superior, que não se poupa a si mesmo quando erra, sabe suportar as justas recriminações dos outros.

O golpe mais cruel que ele sofreu foi talvez, em 1557, quando em Heidelberg, onde estava a pedido do Eleitor Paladino, que o encarregara de executar o projeto de converter um certo convento em uma escola, lhe notificaram a morte de sua esposa. Foi tão grande a sua dor que nos primeiros momentos não pôde articular palavra alguma e, quando finalmente voltou a si, saiu-lhe da boca esta profecia: “Em pouco tempo estarei com ela”. De fato, após dois anos de

incessante trabalho, aquele seu frágil tabernáculo terrestre deixou de resistir ao furor das invernias.

Quando ele faleceu, acudiu tanta gente que não foi possível ter as portas do quarto fechadas. As crianças eram conduzidas para junto do cadáver a fim de que, mais tarde, poderem dizer que tinham visto Filipe Melancton.

Com uma única exceção, nunca houve em Wittenberg um enterro como o dele. Puseram seu caixão ao lado do de Lutero, junto do portão onde se pregaram as célebres teses e, se na Europa um lugar onde o coração humano tenha motivo para se comover, é certamente ao pé deste visível monumento da Reforma, deste guarda do túmulo de Lutero e de Melancton.

.oOo.

## **JOÃO WYCLIFFE**

### **O PRIMEIRO REFORMADOR INGLÊS**

A aldeia de Wycliffe, que fica no norte do Condado de Yorkshire, deu o seu nome, quando da conquista normanda, à família que habitava o castelo. Era a esta família que pertencia João Wycliffe, sendo incerto o dia do seu nascimento. Acredita-se, porém, que teria pelo menos sessenta anos quando ele faleceu em 1384.

Foi só em 1366, quando teria mais de quarenta anos, que todos começaram a ver nele o maior pensador, o mais profundo teólogo e talvez o mais denodado espírito de sua geração.

Foi uma era notável para a Inglaterra e para a Europa. Na vida de Wycliffe teve lugar o reinado de Eduardo III no

qual, mais do que em qualquer época precedente, a nação inglesa se consolidou em unidade e poder. O Parlamento que ficou definitivamente dividido em duas câmaras, tornou-se o verdadeiro protetor dos interesses e da honra nacional. O sistema feudal ia decaindo pouco a pouco; o povo começava a despertar e a pensar e desenvolvia-se a literatura nacional, não obstante só dali a cem anos ter-se inventado a imprensa.

A nação orgulhava-se dos seus progressos e do seu poderio e originou-se um espírito de resistência contra aquele poder espiritual que se arrogava ainda o direito de governar a consciência do povo. O desejo de sacudir a opressão, combinado com o desenvolvimento da educação popular e do espírito de liberdade, levou a procurar um melhor estado de coisas.

As mais altas funções do Estado eram desempenhadas pelo clero, o que constituía um abuso ao qual devia pôr-se um fim. Wycliffe protestou energicamente contra tal estado de coisas e o Parlamento ocupou-se da questão, promulgando algumas medidas. Isto foi em 1371. A eficácia do protesto parece ter animado os defensores dos direitos seculares a insistirem na decisão de outros pontos em que o Parlamento e o papado estavam em desacordo já fazia muito tempo.

Foi, portanto, nomeada uma comissão em 1373 para tornar ciente o papa Gregório XI das decisões tomadas pelo Parlamento inglês. Demandava, entre outras coisas, que o pontífice deixasse de se intrometer nos negócios da igreja anglicana, que as dignidades episcopais recaíssem naqueles que fossem realmente eleitos e que, no caso da eleição de um bispo, fosse suficiente a confirmação do metropolitano, segundo o antigo costume.

O papa foi pródigo em promessas, mas o Parlamento não se deu por satisfeito e, no ano seguinte, foi nomeada outra comissão, presidida por Gilberto, bispo de Bangor, e da qual também fazia parte João Wycliffe.

Wycliffe regressou de Bruges, após dois meses de estadia nesta cidade, e, sob dois pontos de vista, estava agora em excelentes circunstâncias. Em primeiro lugar, gozava da



estima de Lancaster que, em vista da enfermidade de um irmão mais velho e da crescente inaptidão do rei, era então o homem que dispunha de mais poder na Inglaterra.

Mas o que era mais importante para o seu trabalho futuro era ter desvendado, como nunca até aquela ocasião, os segredos do sistema pontifício. Havia conferenciado com os principais representantes e fizera um estudo dos seus argumentos e da sua diplomacia. Assim como a visita de Lutero a Roma, século e meio mais tarde, descobriu em Bruges que o papa tinha sobre si os sinais do Anticristo.

O seu protesto contra as corrupções da época era cada vez mais veemente e “desde que lhe foi conferido o grau de doutor”, escreve um contemporâneo, a sua célebre doutrina “começou a espalhar as suas blasfêmias”.

Apresentou a sua célebre doutrina o “Domínio baseado na Graça” e manteve-a sempre em tudo quanto escreveu.

Segundo ela, a única origem da legítima autoridade está em Deus, que a delega a Seus ministros sobre a terra com a condição de obedecerem os Seus mandamentos.

Como já temos visto, o papa, com a cobrança rigorosa de impostos, estava empobrecendo a Inglaterra, mas as autoridades eclesiásticas perceberam que as ameaçava um sério perigo e no princípio de 1377 Wycliffe foi intimado a comparecer perante a Convocação de Canterbury.

Nada se apurou contra ele, afinal de contas, porque logo no começo da sessão tão dura foi a contenda de palavras entre Lancaster, um dos defensores de Wycliffe, e os bispos, que fez que tudo terminasse com grande tumulto.

O ano de 1377 parecia ser um ano auspicioso para o papado. O “Cativeiro dos Sete Anos”, como se chama o período de residência do papa em Avignon, estava terminado e, em 17 de janeiro, Gregório XI entrou solenemente em Roma.

Segundo parece, os bispos ingleses aproveitaram a primeira ocasião que lhes pareceu favorável para denunciarem ao papa o homem que consideravam o seu maior inimigo e daí a publicação de uma série de bulas

pontificias em que está afirmada a acusação contra Wycliffe, sendo, portanto, os seus inimigos que nos informam do progresso que ele tinha feito no campo da Reforma.

Quando as bulas chegaram à Inglaterra, Eduardo II estava moribundo, vindo a falecer em 21 de junho. Sem a sanção real era impossível proceder e ninguém ainda imaginava qual seria o espírito do novo reinado. Ricardo II era uma criança de doze anos e ainda estava sob a tutela da rainha viúva, sua mãe.

Uma das primeiras sessões submetidas ao Parlamento era “se o reino da Inglaterra, em caso de necessidade, não tinha direito de impedir que os dinheiros públicos fossem levados para o estrangeiro”.

A esta pergunta deu Wycliffe, por ordem do jovem rei e do seu conselho, uma detalhada e argumentativa resposta. Poder o reino dispor do seu tesouro para aquilo que lhe fosse necessário, disse ele, era uma coisa que ressaltava dos princípios da razão natural, dos ensinamentos das Escrituras e da lei da consciência; além disso, era preciso levar em conta também os prejuízos que adviriam de se seguir outro caminho.

Com respeito aos males que poderiam resultar da resistência às reclamações papais, incluindo mesmo a possibilidade do reino ser colocado sob interdição, Wycliffe acrescentou, com uma ponta de sarcasmo, que o santo padre não seria capaz de tratar os seus filhos deste modo, mas que, em todo caso, “é uma grande consolação o saber-se que as suas decisões não são revestidas da autoridade divina e que Deus não abandona aqueles que O temem mais do que aos homens”.

A Universidade recebeu a bula que lhe era destinada, mas não tomou decisão alguma. Quanto aos prelados, esses foram mais submissos, pois que reuniram o Sínodo, perante o qual Wycliffe teve de comparecer.

O reformador expôs com toda a clareza os dezenove artigos que constituíam a base da acusação, ficando todos assombrados com o arrojo de suas palavras. O pontífice,

segundo o seu modo de ver, não era superior à Igreja, que tinha o direito de repreendê-lo quando ele procedesse de uma maneira não de conformidade com a lei de Deus.

Os frades ingleses começaram nesse tempo a tomar uma grande prepotência e a fazerem uma séria concorrência ao clero secular, chegando as coisas a tal ponto que as Universidades tiveram de protestar. As suas preleções teológicas atraíam a mocidade e foram muitos os filhos de famílias ilustres que professaram, indo assim engrossando as fileiras dos “frades mendicantes”.

Wycliffe levantou a sua voz contra eles, mostrando quanto era falsa a sua afirmação de terem poder para perdoar pecados.

Wycliffe teve uma enfermidade que o reteve por algum tempo no leito e os frades, pensando que ele estava às portas da morte, mandaram-lhe emissários, pedindo que se arrependesse de suas doutrinas e aceita-se a absolvição que estavam prontos a dar-lhe. Ele, pedindo ao criado que o erguesse, disse-lhes: “Hei de restabelecer-me desta doença e hei de confundir a todos vocês”.

Realmente, restabeleceu-se e tratou de organizar um grupo de jovens missionários que percorreram todo o país pregando o puro Evangelho.

Das obras de Wycliffe, uma das mais notáveis é a que tem por título “Triálogos”, em que ele põe a discutir a Verdade, a Mentira e a Sabedoria. Nesta obra é atacada a doutrina das transubstanciação, o que provocou um vigoroso protesto da parte dos professores da Universidade, os quais declararam que todos aqueles que partilhassem das doutrinas de Wycliffe de que no pão e no vinho consagrado não estavam nem essencialmente, nem corporalmente o corpo e o sangue de Cristo incorriam na pena de prisão e ficavam privados de todos os direitos escolares.

Este protesto e esta advertência foram lidos de surpresa aos alunos na ocasião em que Wycliffe estava lecionando, o que o obrigou a sair imediatamente da sala de aula e apresentar sua queixa ao Conselho do Estado.

Não achou na Côrte o apoio que esperava e todos aqueles que estavam de seu lado quando se tratou de defender o tesouro da Inglaterra lhe recomendavam silêncio para não dar lugar a maiores perturbações.

No dia 17 de maio de 1382, o arcebispo de Canterbury convocou uma assembleia de bispos para darem o seu parecer acerca das doutrinas de Wycliffe, sendo quase todas elas consideradas heréticas. Na ocasião em que estavam reunidos, houve um grande tremor de terra na cidade e, como os assistentes vissem nisso um mau presságio, o arcebispo apressou-se em dizer que era um sinal de expulsão das falsas doutrinas.

A seguir, dirigiram-se processionalmente à igreja de S. Paulo, onde o monge carmelita João Cunningham pregou um sermão contra a heresia, condenando solenemente todas as pessoas que aderissem às doutrinas censuradas.

Wycliffe foi expulso não só da Universidade, como também de Oxford, o que não lhe causou abalo algum, pois lhe proporcionava tempo para aperfeiçoar a sua tradução da Bíblia para o inglês.

Não se sabe quando foi que Wycliffe começou a traduzir a Bíblia, mas sabe-se que concluiu o seu trabalho depois de sua expulsão de Oxford, isto é, nos últimos anos de sua vida. O Novo Testamento foi exclusivamente traduzido por ele e no Antigo teve por colaborador o seu amigo Nicolau Hereford.

Wycliffe morreu em paz no dia 28 de dezembro de 1384 e foi sepultado no terreno em volta da igreja de Lutterworth, mas os seus restos ficaram lá por pouco tempo.

O Concílio de Constança, depois de uma meticolosa revisão de tudo quanto ele havia escrito, declarou heréticas quarenta e cinco das suas proposições e ordenou que os seus ossos fossem desenterrados de onde estavam. Isto aconteceu em 1415, mas só depois de treze anos é que o absurdo decreto foi executado por expressa determinação do papa.

Os ossos do eminente professor foram não só exumados, mas reduzidos a cinzas, que as águas do Rio Swift se

encarregaram de levar para o alto mar, como símbolo de suas doutrinas que também se espalharam por todo o mundo.

.oOo.

## **JOÃO KNOX**

### **O REFORMADOR DA ESCÓCIA**

Nascido em Heddindton, no ano de 1505, cursou a Universidade de Glasgow, onde se iniciou nas grandes questões da época.

Nessa época os padres escoceses faziam todo o possível para evitar que as doutrinas de Lutero se divulgassem na Escócia, mas um primo do rei James, chamado Hamilton, tendo ido a Wittenberg, confessou no seu regresso que ele tinha achado a verdade, havia tanto tempo oculta.

Isto valeu-lhe ser queimado na praça que ficava em frente à Igreja de Sto. André e parece que o seu suplício foi como que a inauguração de uma nova era religiosa, pois que dali em diante foram sem número os mártires que pagaram com a sua vida a sua fidelidade ao Senhor Jesus. Knox meditou profundamente no caso e, lendo com atenção o Evangelho de João e a Epístola aos Efésios, “lançou a sua primeira âncora”, como ele disse depois no leito de sua morte.

A fortaleza de Sto. André era o único ponto onde os evangélicos podiam considerar-se em segurança e foi para lá que muitos fugiram, inclusive Knox.

Deu-se então a segunda crise de sua vida. Quando todos os refugiados se encontravam na Igreja, João Rough, o pregador da guarnição, subindo ao púlpito convidou Knox a pregar o Evangelho e, voltando-se para os assistentes, disse: “Não foi esta a missão de que me encarregastes?” “Sim, sim”,

exclamaram todos. Knox levantou-se para falar, mas foi tomado por uma tal comoção que nada pôde falar e, saindo da igreja, encerrou-se no seu quarto, onde durante alguns dias esteve pedindo a Deus que lhe mostrasse se era da Sua vontade que ele anunciasse o Evangelho.

Convencido de que o Senhor o escolhera para ser um dos Seus mensageiros, pregou alguns sermões, mas, poucos meses depois, a fortaleza teve de capitular e foi levado para a França, onde juntamente com outros forçados, esteve durante perto de dois anos como remador a bordo de uma embarcação costeira.

No fim deste prazo, não obstante pesar sobre ele o crime de ter arrojado ao mar uma imagem da virgem Maria que o capitão queria que ele beijasse, foi posto em liberdade, refugiando-se na Inglaterra sob a proteção de Eduardo VI e foi ali que pregou alguns dos seus mais notáveis sermões.

O rei nomeou-o seu capelão e mais tarde foi-lhe oferecida a diocese de Rochester, que ele não aceitou.

Foi mais ou menos por esse tempo que ele conheceu Marjory Bowes, a sua futura consorte.

O pai dela opunha-se ao casamento, mas a mãe o favorecia e veio a conseguir que se efetuasse. Depois de casado, Knox foi visitar Calvino em Genebra e, a seguir, encontramo-lo pastoreando os protestantes ingleses de Frankfort-sur-Maine.

Quando soube que na Escócia havia uma relativa liberdade de culto, partiu para lá com sua esposa, mas como resultado de certos folhetos que ele fez publicar, viu-se obrigado a retirar-se precipitadamente, chegando a ser queimado em estátua.

Finalmente, em 1559, quando havia novos indícios que um novo e brilhante sol ia iluminar todo o seu país natal, tornou a embarcar para lá, ainda de Gênova em janeiro desse ano.

Chegando a Edinburgo, foi logo acusado de rebelde, mas não se intimidou e, pondo-se à frente dos seus irmãos perseguidos, apresentou-se à rainha regente que, vendo o

grande número de aderentes, prometeu mandar arquivar o processo que havia contra ele.

Não cumpriu, porém, a sua promessa e, quando Knox soube disso, começou a pregar com mais ardor do que nunca contra o culto das imagens.

A regente mandou um exército contra os Lordes protestantes e estes, reuniram-se em Sto. André, prontos a se defenderem. Ao verem, porém, as tropas rodeando a fortaleza e ao ser-lhes dito pelo arcebispo que o seu pregador seria fusilado se se atrevesse a subir ao púlpito, perderam o ânimo.

Knox não fez caso da ameaça e falou não só uma vês, mas muitas vezes, tendo a sua palavra o poder de revolucionar toda a Escócia. A rainha, para mais eficazmente abafar aquele movimento político-religioso, mandou as tropas auxiliares francesas avançarem, mas o exército inglês, que invadira a fronteira a pedido de Knox e da Congregação, derrotou-as. Enquanto isso, a rainha morria em seu castelo de Edinburgo e a Escócia ficava livre.

Em 19 de junho de 1560, a Congregação reuniu-se para dar graças a Deus e no dia 1 de agosto o Parlamento escocês, pelo qual tanto tempo se anelara, teve a sua primeira sessão.

Knox tinha agora quarenta e quatro anos e durante doze anos, isto é, até a sua morte, fixou residência em Edinburgo, não saindo em todo este tempo se não para ir de sua casa para a igreja e da igreja para sua casa.

O retrato que dele publicamos, enviado de Genebra em 1580 pelo seu contemporâneo Beza é o único que se considera autêntico e este retrato revela-nos a constância e o heroísmo que distinguiram o nosso biografado.

Ficando viúvo em 1560, Knox casou-se depois de três anos com Margarida Stewart.

Desde 1560, o Evangelho pôde ser anunciado livremente na Escócia e formaram-se logo no início congregações por toda parte. Essas congregações, estavam, por assim dizer, desligadas umas das outras, e tornava-se necessário uni-las para constituírem a igreja nacional.

Então decidiu dedicar-se a isto, apoiando em primeiro lugar o Parlamento e para o conselho da nobreza que, sob certos pretextos, recusaram sancionar esse gigantesco plano e depois para as assembleias evangélicas.

Estas começaram a indicar delegados para uma assembleia magna que teve lugar em dezembro de 1560 e onde ficaram acertados os alicerces do grande edifício espiritual da Escócia.

Tratava-se de organizar uma igreja independente, uma igreja que pudesse governar-se a si mesma e isso demandava um trabalho colossal, que foi quase todo ele levado a efeito sob a direção de João Knox.

A rainha Maria da Escócia chegou ao seu reino no dia 19 de agosto de 1561. Viúva do herdeiro do trono da França e herdeira presumível do trono da Inglaterra, era uma personagem que prendia as atenções gerais pela íntima ligação que havia entre a sua pessoa e os destinos da cristandade. Além disto, ia ganhando terreno o plano de fazer da Inglaterra e da Escócia um único reino em cujo trono se assenta-se um soberano católico.

Quando Knox teve conhecimento destas maquinações, pôs-se a pregar mais violentamente do que nunca contra a idolatria até que a rainha mandou chamá-lo à sua presença, havendo entre ambos o primeiro de uma série de diálogos que se tornaram célebres.

Maria estava disposta a desposar o primogênito do rei Filipe da Espanha e na sua imaginação já se via rainha da Escócia, da Inglaterra, da Irlanda, da Espanha, de Flandres, de Nápoles e das Índias, mas tornava-se-lhe necessário fazer retornar seu reino ao catolicismo e, numa entrevista que teve com Knox, instou com ele para não incitar o seu povo a usar da espada contra ela em questões religiosas. “A espada da justiça só Deus a pode embainhar”, foi a única resposta dele.

A rainha, vendo que nada conseguia, recorreu à astúcia e Knox chegou a iludir-se com os modos afáveis que ela passou a mostrar-lhe, atribuindo-os a um começo de conversão.



Quando, porém, requereu ao Parlamento a retificação das leis de 1560, viu que a soberana tinha feito uso de toda a sua influência no sentido de nada se conceder que pudesse dar mais alento à causa do protestantismo.

As prédicas de Knox, porém, tinham um poder irresistível e a rainha ainda quis contemporizar com ele. Chamou-o diversas vezes ao palácio e chegou a derramar lágrimas na sua presença, mas o homem de Deus se mostrou impassível.

Knox foi acusado de induzir os funcionários públicos a tomarem parte num movimento protestante, sendo, porém, absolvido por unanimidade. Os conselheiros compreenderam que se tratava de uma vingança da rainha e, dirigindo-se aos aposentos da mesma, reiteraram o seu veredito. Ela ficou tão desgostosa que nem consentiu que houvesse nem música ou recepção no palácio.

Foi por esse tempo que a rainha Maria casou-se com Lord Darnley e instigou a Liga Católica para exterminar os protestantes. Knox referiu-se tão desfavoravelmente ao casal real num dos sermões que lhe foi proibido pregar.

Poucos meses depois do casamento, a rainha desprezou o marido, escolhendo para confidente um italiano chamado Rizzio, que foi depois assassinado. Mais tarde, favoreceu Lord Bothwell, a quem desposou, depois de ter feito perecer Lord Darnley, o consorte.

Knox conservou-se silencioso, durante todos estes acontecimentos trágicos e vergonhosos e só tornou a falar em público quando a rainha se viu forçada a abdicar. A Assembleia da Igreja e o Parlamento reuniram-se conjuntamente para ratificarem as leis de 1560, tendentes ao progresso da Igreja Evangélica.

Estava, pois, completada a obra de João Knox. Desde 1560 havia na Escócia liberdade para o Evangelho, mas só em 1567 é que as diversas congregações puderam, unindo-se, constituir a Igreja Nacional.

Aquele, porém, que tanto trabalhara para esse bendito resultado já não tinha muitos anos de vida neste mundo.

Em meados de 1570 teve um ataque de apoplexia e, segundo nos refere um contemporâneo, era tal a sua fraqueza depois deste ataque que só com a ajuda de dois homens conseguia subir os degraus do púlpito.

Foi, realmente, belo e tocante o testemunho que ele deu no leito de morte.

Chegando o derradeiro momento, Ricardo Bannatyne, um dos servos, curvou-se para ele e rogou-lhe que se lembrasse daquelas consoladoras promessas de Cristo que ele tantas vezes anunciara aos outros.

Knox já não podia falar, mas o servo pediu-lhe que fizesse qualquer sinal para lhe mostrar que o tinha ouvido e que morria em paz. Ele, então, levantou a mão direita e, soltando dois suspiros, adormeceu pacificamente no Senhor.

.oOo.

## **JOÃO HUSS**

Nasceu no dia 6 de julho de 1369, na pequena cidade de Husinetz, situada ao sul da Boêmia.

Para poder viver e sustentar-se, enquanto frequentava as escolas de Praga, exercia o serviço de cantor nas igrejas.

Tinha vinte e quatro anos de idade por ocasião do ano das indulgências ou do jubileu e, como estudante, fez a necessária peregrinação de igreja em igreja a fim de alcançar a salvação.

No dia 1 de abril de 1403 foi nomeado reitor da Universidade de Praga. Em breve adquiriu fama de grande pregador. Escreveu em latim um tratado, negando a existência do sangue do Senhor na cidade de Wilonak,

conforme os padres queriam fazer que o povo acreditasse para o explorarem em seu proveito.

Em outubro de 1405, sendo um dos pregadores do Sínodo que o arcebispo Zbynek instituíra na sua diocese, atreveu-se a censurar, não só os bispos e arcebispos, como até o papa e os cardeais.

Muitos dos clérigos vinham consultá-lo a respeito de seus deveres espirituais. Em virtude dos sermões que pregava na capela chama de Belém, em Praga, a Rainha Sofia, segunda esposa do Rei Venceslau IV, nomeou-o seu capelão.

Lia muito as obras de Wycliffe e referia-se a elas, com muitos louvores, em suas pregações. Advertia o povo de que a absolvição dos padres não tinha valor sem um arrependimento do pecado e de que, para obter a salvação, era necessário amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos.

A amizade que o bispo lhe mostrava excitou a inveja de outros padres que o denunciaram clandestinamente à cúria romana de estar espalhando na Boêmia as doutrinas de Wycliffe. Mais tarde, o arcebispo declarou-se seu inimigo e classificou de heréticas as ideias da Reforma, ideias que ele tinha anteriormente aprovado.

Foi também acusado de promover na Universidade discórdias entre os alemães e os boêmios. Foi excomungado e a sua excomunhão foi lida em todas as igrejas.

Muitos dos cortesãos do rei se puseram à frente do partido que lhe era favorável. O Rei Venceslau escreveu ao papa, pedindo para que Huss continuasse a pregar a Palavra de Deus e fosse dispensado de comparecer a Roma. Escreveu também ao cardeal a quem o caso foi entregue, convidando-o a vir à Boêmia, informar-se ao certo do que estava acontecendo.

Huss recebeu uma carta de Ricardo Fitz, um dos cooperadores de Wycliffe e, na resposta que enviou, incluía uma saudação da “Igreja de Cristo na Boêmia à Igreja de Cristo na Inglaterra”.

Em fevereiro de 1411 foi novamente excomungado por não ter comparecido a Roma, sendo a sua excomunhão publicada, por ordem do arcebispo, na maioria das igrejas de Praga.

Pregou contra a bula do papa João XIII que concedia indulgência plena a todos aqueles que o ajudassem, ou pessoalmente ou com dinheiro, na cruzada que promovera contra Ladislau, rei de Nápoles, sustentáculo do papa Gregório XII. Foi intimado a encontrar-se com os delegados do pontífice, na presença do arcebispo, e declarou que estava pronto a obedecer ao papa de Roma quando as suas ordens não estivessem em desacordo com a doutrina de Cristo, mas só nesse caso.

Huss foi excomungado “com agravação”; a excomunhão estendia-se a todos quantos se comunicassem com ele e, em qualquer lugar onde se achasse, ficavam suspensos os serviços religiosos.

Retirando-se de Praga, Huss foi residir no castelo de Kozi, que ficava no sul da Boêmia. Escreveu de lá à congregação de Belém e aos seus amigos de Praga, enviando também uma carta aos membros da Câmara Alta, na qual lhes rogava que promulgassem liberdade para a pregação da Palavra de Deus.

Pouco depois do Natal de 1412, Huss voltou a Praga e recomeçou a pregar na sua capela de Belém. O rei, porém, pediu-lhe que se retirasse novamente e ele assim o fez, depois de ter consultado a congregação.

Pôs-se então a pregar nos campos, nas estradas e em toda parte, enfim, onde pudesse encontrar ouvintes. Seguia-o sempre uma multidão de gente a pé, a cavalos e em carros. Publicou um tratado que tinha por título “Da Igreja”.

Segundo a sua definição, a Igreja é o corpo coletivo, composto pelos predestinados para a salvação. Não fazia distinção entre igreja visível e igreja invisível, afirmando simplesmente que se pode estar na Igreja sem pertencer a ela.

Nunca teve a ideia de refundir por completo a doutrina da igreja diante das Escrituras; o seu intuito era reformar a condição existente do governo eclesiástico.

Foi em Kozi que ele escreveu, a sua exposição do Credo, da Oração Dominical e dos Mandamentos.

João Gerson, chanceler da Universidade de Paris, escreveu a Conrado, arcebispo de Praga, chamando-lhe a atenção para as doutrinas que João Huss estava propagando. Huss foi convidado a provar a sua ortodoxia no Concílio de Constança, que teve a sua primeira sessão no dia 1 de novembro de 1414.

Alguns de seus amigos o aconselharam a que não fosse, mas apesar do salvo-conduto que lhe havia sido prometido, foi inútil, pois que no dia 11 de outubro, tendo-se munido previamente de atestados de bom comportamento e de ortodoxia, que obtivera na Universidade, do bispo de Nazaré, do arcebispo de Praga e de outras pessoas de distinção, partiu para Constança.

O bispo de Lubeck percorreu todos os lugares por onde ele tinha de passar a fim de prevenir o povo contra as suas heresias.

No dia 3 de dezembro, Huss e os seus amigos chegaram a Constança, tendo ido alojar-se na casa de uma viúva, chamada Fida, na Rua S. Paulo. O papa garantiu-lhe uma perfeita segurança durante a sua estada na cidade e no dia 6 de novembro levantou-lhe a excomunhão.

No dia 28 do mesmo mês, porém, depois de ter sido interrogado pelos cardeais, ficou detido, sendo mais tarde, no dia 6 de dezembro, levado para o convento dos dominicanos, à beira do lago.

Aí o encerraram numa masmorra, mas, como a sua saúde perigasse, o mudaram para um lugar menos insalubre, perto do refeitório.

Enquanto esteve preso, escreveu um tratado em latim, demonstrando que a Ceia do Senhor deveria ser tomada nas duas espécies (pão e vinho), tanto pelo clero quanto pelo povo.

Depois foi removido para um castelo que o bispo de Constança possuía em Gottleben e, como recebesse uma alimentação insuficiente, adoeceu novamente.

Os senhores da Boêmia e da Polônia enviaram um ofício ao Concílio, protestando contra a desumanidade com que ele era tratado na prisão.

O julgamento de Huss começou no dia 5 de junho de 1415, havendo-se constituído o tribunal no refeitório dos frades franciscanos. Quando ele começou a dar explicações sobre os artigos em virtude dos quais era acusado, levantou-se no Concílio um tumulto de tal ordem que o presidente transferiu o julgamento para o dia 7.

Foram tantas as acusações que teve de se defender, foi tão violenta a discussão que teve de sustentar que, no fim do dia achava-se extenuado, tendo, devido a uma forte dor de dentes, passado em claro a noite anterior.

Um dos padres do Concílio pareceu interessar-se por sua pessoa e instou com ele para se retratar, mas em vão. Huss de maneira alguma resolveu agir contra a sua consciência, abjurando doutrinas que sempre tinha sustentado.

No dia 6 de junho, foram levados à Catedral de Constança, onde se haviam reunido o rei e os dignatários da Igreja e do império. Foram lidos os artigos que se lhe atribuíam, mas não lhe deu licença para falar. Em seguida, o acusaram de ter afirmado que ele, João Huss, era a quarta pessoa da Santíssima Trindade.

Ele e os seus livros foram condenados à fogueira e quando ouviu ler a sentença proferiu a seguinte oração: “Senhor Jesus Cristo, perdoa a todos os meus inimigos, por maior da Tua grande misericórdia. Tu sabes que eles me acusaram falsamente e que apresentaram testemunhas falsas para deporem contra mim. Perdoa-os por amor da Tua infinita misericórdia”.

Vestiram-no com o para celebrar missa e, a seguir, o despojaram de tais roupas. Foi uma verdadeira exaustão eclesial. Quando lhe disseram: “Encomendamos a

tua alma ao diabo”, ele respondeu: “E eu a encomendo ao Senhor Jesus Cristo”.

A seguir, foi entregue às autoridades de Constança, durante o trajeto para o lugar atearam num poste atearam fogo à palha que tinham acumulado a sua volta até lhe chegar quase ao pescoço.

O mártir cristão pôs-se, então, a cantar salmos de louvor e expirou passados poucos minutos, com o nome de Cristo nos lábios. Os seus restos foram reduzidos a cinzas e lançados ao Rio Reno para evitar que alguém se lembrasse de os recolher como relíquias de um mártir.

Assim terminou a existência terrena de um homem cuja vida foi santa e pura e em quem os seus encarnados inimigos não puderam descobrir um único defeito. Os seus grandes princípios eram a supremacia da amoralidade na vida prática, da consciência do indivíduo e das Escrituras na Igreja.

A sua abnegação fulgiu como estrela brilhante numa época em que o egoísmo prevalecia e em nenhuma das peças do seu falso julgamento se descobriu um motivo sério e plausível para a sua condenação como hereje.

Tão claramente se desprende disso de todas as suas obras que dele existem na língua boêmia que, por ocasião de ser feita delas uma nova edição, entre 1865 e 1868, chegou-se a propor uma revisão de processo que, certamente reabilitaria a sua memória.

Este projeto, porém, foi desfavoravelmente recebido pela imprensa da Boêmia e um vigoroso artigo publicado em 1869 por um jornal patriótico chamado Letras Nacionais concluiu com as seguintes palavras: “Não tiremos a maldição do Concílio de Constança de sobre a cabeça daqueles que o lançaram à fogueira e daqueles que hoje os representam. O fato de ter sido um grande reformador condenado por uma assembleia de bispos e prelados é, na história da ilustração do mundo, muito mais significativo do que seria o fato de ter sido misericordiosamente reconhecida a inocência de um padre pela mesma hierarquia romana”.

.oOo.

## **ERASMO DE ROTTERDAM**

Nasceu na cidade de Rotterdam, no dia 27 de outubro de 1467. O seu verdadeiro nome era Desidério Gerardo, mas como era costume entre os acadêmicos adotarem o nome de qualquer vulto célebre, trocou o de Gerardo, que na língua holandesa significa “amado” pelo de Erasmo, que tem a mesma significação no grego.

Os pais não se haviam casado devido à oposição do avô paterno de Erasmo que queria à viva força que o filho fosse padre, conseguindo, por fim, ver seu desejo realizado. Quando seus pais morreram, ele e o irmão foram mandados para o convento dos agostinianos de Steyn, onde a seu tempo professaram.

Observando as superstições e as dissoluções dos padres, veio a sentir por eles um grande desprezo e dedicou-se ao estudo do latim, língua em que mais tarde escreveu aquelas obras que o revelaram como mestre da literatura europeia. Quando tinha vinte e quatro anos de idade, o Bispo de Cambrai convidou-o para ser seu secretário, aceitando ele este convite com muita alegria por poder-se ver livre da vida do convento.

Como, porém, o bispo não lhe pagava regularmente, deixou-o e foi para Paris, em cuja Universidade se matriculou, vivendo com o produto das lições particulares que dava.

Lord Mountjoy, um dos seus discípulos, passou a dar-lhe uma pensão, que foi a primeira das muitas que ele recebeu de várias pessoas. Falando imparcialmente, Erasmo era amigo do dinheiro e estava sempre pronto a lisonjear aqueles que o possuíam.

Depois de estar alguns anos em Paris, foi com Lord Mountjoy para a Inglaterra. Em Oxford travou conhecimento com Colet, o grande teólogo, que nesta época estava fazendo uma série de conferências sobre as epístolas de Paulo. É possível que Erasmo fosse por ele levado a interessar-se pela Escritura, pois que começou a fazer dela um estudo tão profundo que Colet chegou a convidá-lo para fazer algumas



preleções sobre o Antigo Testamento, ao que ele recusou, dizendo que ainda não se considerava habilitado para isso.

Em 1500, Erasmo regressou a Paris, onde permaneceu durante seis anos, entregue ao estudo do grego. Achando-se no castelo de Vere, encontrou-se com um oficial dotado de muita inteligência, mas muito boêmio. A esposa do oficial, notando que a conversação de Erasmo produzia uma certa impressão ao marido, pediu-lhe que escrevesse e entrega-se a este uma série de conselhos religiosos.

Erasmo, acedendo a este pedido, compôs então o que lhe serviu de base para o seu “Manuel do Soldado Cristão”, no qual ele mostra já ter adquirido a concepção evangélica de religião.

Um de seus amigos lhe disse francamente que achava mais santidade no livro do que no Autor do livro, o que lhe causou um certo abalo, pois tinha a consciência de que a sua vida sempre estava em harmonia com os seus preceitos.

Pensava que era muito melhor do que os outros e o imaginavam e mesmo do que ele se julgava. Era um daqueles homens que ocultava, os seus verdadeiros sentimentos e não podia ser julgado com justiça.

Andava constantemente viajando; algumas vezes para se instruir e outras por não gostar de permanecer muito tempo no mesmo lugar e, em 1507, foi à Itália, país que ele desejava ardentemente conhecer.

Durante a viagem escreveu um poema, cujo assunto eram as doenças da velhice. Apesar de contar apenas quarenta anos, já tinha todo o cabelo branco e achava-se tão abatido por diversas doenças que se considerava à beira da sepultura.

Depois de estar algum tempo em Turim, cuja Universidade lhe conferiu o grau de doutor em teologia, foi para Bolonha, mas, encontrando a cidade toda alvoroçada na expectativa de um cerco, retirou-se à pressa para Florença. Voltando, porém, a Bolonha, depois de passado o perigo, assistiu à brilhante recepção que esta cidade fez ao papa.

Em Bolonha hospedou-se em casa do impressor Aldus, onde se encontrou com Jerônimo Aleander, um dos adversários de Lutero.

Numa de suas muitas viagens passou por Basileia, onde travou conhecimento com Froben, o célebre impressor de cuja oficina saíram algumas das suas valiosas contribuições para a literatura cristã e de onde também saiu, editado por ele, o livro mais importante do século XVI, isto é, o Novo Testamento grego.

Como se estivesse preparando também uma edição espanhola, Erasmo e Froben, que queriam ter a primazia, prepararam a sua muito precipitadamente, o que foi a causa que saísse com alguns erros.

A edição de Erasmo continha o Novo Testamento em grego, uma tradução em latim e um grande número de comentários escritos por ele.

Sendo acusado por Eduardo Lee de ter omitido no capítulo 5 da Primeira Carta de João a passagem que se refere às três testemunhas celestiais, Erasmo respondeu que não a tinha encontrado em manuscrito algum, mas que estava pronto a inseri-la em outra edição se alguém lhe mostrasse um em que ela existisse. Lee apresentou-lhe um manuscrito com a tal passagem e ele, apesar de duvidar de sua autenticidade, cumpriu a sua palavra.

Escreveu também uma paráfrase do Novo Testamento, sendo suficiente dizer-se, para se fazer um ideia da importância deste trabalho, que foi traduzida para o inglês e colocada ao par das Bíblias, nas igrejas da Inglaterra.

Lutero escreveu-lhe uma carta, dizendo-lhe que tinha tirado muito proveito de suas obras e que tinha esperança de que um dia pudessem encontrar-se. Erasmo respondeu que reconhecia em Lutero e nos seus aderentes verdadeiros pregadores do Cristianismo, mas aconselhou-o a que não usasse uma linguagem tão violenta, com a qual não faria mais do que prejudicar a causa que ambos desejavam ver triunfar.

Escreveu igualmente a diversas personagens, entre elas o arcebispo de Mayença e o papa Leão X, intercedendo por ele, mas tendo sempre o cuidado de dizer que não tinha lido os seus livros nem defendia o que neles houvesse de mau.

Retirando-se para Basileia em 1521, escreveu ali os famosos “Colóquios Familiares” em que ridiculariza as loucuras da época e ensinava, sob a forma de agradáveis conversações, a viver ajuizadamente. Este livro, um dos mais interessantes que escreveu, foi adotado para leitura em todas as escolas da Europa.

Os dominicanos e os franciscanos espanhóis levantaram um tumulto contra ele, mas o resultado de sua hostilidade foi serem seus livros traduzidos para o espanhol e terem uma enorme circulação.

Quando a missa foi abolida em Basileia e as imagens tiradas das igrejas, Erasmo, como protesto contra estas medidas violentas, saiu da cidade, indo residir em Friburgo. Ao reprovar, porém, o procedimento dos reformadores, deixava escapar frases que bem mostravam que estava mais do lado deles do que ele próprio supunha. Voltando a Basileia algum tempo depois, adoeceu gravemente, vindo a falecer no dia 1 de julho de 1536.

Tendo acumulado uma grande fortuna, contemplou com sua morte alguns dos seus amigos, e dispôs o restante para que fosse aplicado no socorro da velhice desamparada e a educação da mocidade, destinando também uma parcela para moças pobres.

.oOo.

# **HUGO LATIMER**

## **O APÓSTOLO DA**

### **REFORMA INGLESA**

Nasceu em Thurstaston, aldeia que fica a poucas horas da cidade de Leicester, na Inglaterra. Não há certeza quanto ao ano do seu nascimento, mas presume-se que tenha sido em 1484 ou em 1485.

Como desse mostras de grande inteligência, o pai, que era fazendeiro, manteve-o na escola até uma certa idade, em vez de fazê-lo trabalhar no campo, como fez com os outros filhos.

Foram tais os progressos que ele fez nos estudos que, aos catorze anos, matriculou-se na Universidade de Cambridge. Isto foi em 1506 e dali a quatro anos, isto é, em 1510, tomou ordens sacras, adquirindo logo fama de grande pregador.

Foi um dos que protestaram contra a iniciativa de Jorge Stafford, de fazer preleções sobre passagens da Escritura traduzidas na língua do povo. Quando, porém, se convenceu da verdade, foi procurar Stafford na faculdade de teologia e ali, perante todos os estudantes, pediu humildemente perdão.

Agregando-se ao desprezado grupo que tinha por líder Tomás Bilney, começou a visitar os enfermos e os encarcerados, exortando-os a terem paciência e a reconhecerem os seus pecados. Fez, durante dois anos, uma ativa propaganda entre os alunos da Universidade. Continuava, porém, sendo padre da igreja romana.

Os frades foram acusá-lo ao bispo de estar pregando sermões heréticos e o prelado, querendo certificar-se por si mesmo, entrou um dia na igreja, quando o sermão estava pela metade. Latimer, refeito da surpresa que este fato lhe causara, mudou o assunto, escolhendo para tema: "*Cristo, sumo sacerdote dos bens vindouros*" (Hebreus 9.11).

Mostrou, então, o que um bispo deve ser, expondo todas aquelas boas qualidades que o seu ilustre ouvinte não possuía. O prelado felicitou-o depois pelo seu magnífico discurso, mas pouco depois proibiu-o de que subisse ao púlpito da Universidade e, não satisfeito com isto, queixou-se dele ao cardeal Wolsey, declarando-o infetado com as fantásticas doutrinas de Lutero.

O cardeal chamou-o à sua presença e quis que lhe explicasse que sermão tinha sido aquele que provocara a indignação do bispo. Depois de Latimer o haver inteirado do caso, exclamou: “Ah, sim, ao bispo não agrada este modo de ver as coisas? Pois você fica autorizado a prosseguir nas suas prédicas, diga ele o que quiser”.

Em 1531, o bispo de Londres intimou-o a comparecer a sua presença e ordenou-lhe que assinasse certos artigos de fé, sobre os quais a sua ortodoxia era suspeita. Como ele se recusasse a assiná-los, foi apresentado à Convocação, excomungado e colocado na prisão.

Latimer apelou para o rei, que lhe disse que se submetesse à Convocação, à qual também mandou dizer que a questão ficasse nisto mesmo. Latimer subscreveu, por fim, três artigos, foi absolvido da excomunhão, escapando por pouco de ser lançado na fogueira.

Em 1533, fez uma prédica em Bristol em que atacava as doutrinas da igreja que davam lugar à superstição e à imoralidade, o que fez com que alguns padres comesçassem a defender estas mesmas doutrinas com todo o entusiasmo.

A tal ponto chegaram que assaltaram a supremacia do rei, sendo muitos deles colocados na prisão e ficando Latimer, pra confusão dos seus inimigos, com plenos poderes para se defender como bem entendesse.

Cromwell, ao assumir a posição de secretário do Estado, mandou chamá-lo para cooperar com ele, juntamente com Cranmer, na obra da reforma política. Assim, foi subindo de posição até que, finalmente, em setembro de 1535, contando cinquenta e um anos, foi consagrado bispo de Worcester.

Exerceu este cargo durante quatro anos e fez tudo quanto naquela época se podia fazer para acabar com a ignorância que lavrava em sua diocese. Apesar dos enormes proventos que a Sé lhe proporcionava, quando se retirou estava pobre, pois que quase tudo era gasto em benefício dos necessitados.

Era dotado de um ânimo tão destemido que em certo dia do Ano Novo em que os bispos tinham por costume levar presentes ao rei, ofereceu ao Rei Henrique VIII um Novo Testamento embrulhado numa toalha na qual estavam bordadas as seguintes palavras: “Aos feiticeiros e adúlteros Deus julgará”. Era uma clara alusão ao fato do monarca ter rejeitado a rainha Ana Bolena para casar com Joana Seymour.

Em 1539, tendo Henrique VIII promulgado a célebre “Ata dos Seis Artigos”, em que tornava obrigatória a aceitação da transubstanciação, da comunhão numa só espécie (o pão), do celibato clerical, do voto de castidade, das missas e da confissão auricular, Latimer apresentou a sua resignação.

Tendo estado cerca de doze meses como prisioneiro na casa do bispo de Chichester, foi, por fim, solto, mas com a condição de não pregar nem de permanecer a menos de cinco milhas de sua antiga diocese ou das duas Universidades ou da cidade de Londres.

Em 1546, foi encerrado na Torre por haver apoiado o Dr. Crome quando este atacou ousadamente o purgatório e só readquiriu a liberdade depois da morte de Henrique VIII.

A 4 de setembro de 1553, isto é, dois meses depois da morte do jovem Rei Eduardo VI, foi intimado a comparecer perante o Conselho em Westminster, ordem esta a que ele obedeceu imediatamente.

Sendo a opinião unânime dos conselheiros que a sua conduta podia ser considerada sediciosa, foi de novo para a Torre, onde se encontrou com outros dois reformadores, Ridley e Cranmer. Em março de 1554, os três foram conduzidos a Oxford, a fim de darem respostas às seguintes perguntas perante os representantes da Rainha Maria:

1-O corpo natural de Cristo está realmente no Sacramento?;

2-Depois da consagração fica alguma outra substância além do corpo de Cristo?;

3-A missa é um sacrificio propiciatório pelos pecados dos vivos e dos mortos?

Havendo respondido negativamente, foram, ao cabo de um longo dia de polêmica, reconduzidos à prisão, onde ficaram em compartimentos separados.

Cranmer foi executado pouco depois, mas Latimer e Ridley conservaram a vida ainda por dezoito meses. Finalmente, em setembro de 1555, o papa enviou três bispos para receberem a retratação dos dois hereges ou para confirmarem a sua sentença de morte.

O segundo dos encargos é que ficou resolvido que a execução teria lugar no dia 16 de outubro.

Chegado este dia e depois de ouvirem um breve sermão pregado por um tal de Dr. Smith, que apostatara do protestantismo, foram colocados pelos verdugos em posição conveniente e deu-se a ordem para se acender a fogueira.

Latimer e Ridley pediram licença para orar e para dirigirem um ao outro palavras de conforto e, em seguida, esperaram a morte que, para o primeiro não demorou muito.

Ridley sofreu mais tempo porque o fogo não estava suficientemente ateado, mas, por fim, quando as labaredas o cercaram, expirou, proferindo estas palavras: “Senhor, tem misericórdia de mim”.

.oOo.

## **GUILHERME TYNDALE**

### **TRADUTOR DO NOVO TESTAMENTO**

### **E MÁRTIR**

Pouco se sabe dos primeiros anos de vida de Tyndale, que nasceu em 1484 num dos extremos do principado de Gales, provavelmente na aldeia de Slymbridge. Primeiramente estudou na Universidade de Oxford, passando depois para a de Cambridge, onde se encontrou com Cranmer, Latimer, Gardiner e Bilney, que foi o primeiro a abraçar a verdade e o primeiro a morrer por ela.

Em 1521, saiu de Cambridge e foi residir no Palácio de um certo cavaleiro gaulês, que lhe entregou a educação de seus filhos. Foi em casa deste senhor que ele teve a ideia de traduzir as Escrituras para o inglês. Traduziu também o “Manual do Soldado Cristão”, escrito em latim por Erasmo, e que era um veemente protesto contra o método de estudo teológico usado naquela época e contra as vidas corruptas dos frades.

Começou depois a pregar pelas aldeias circunvizinhas, o que provocou a hostilidade dos padres ignorantes e dados à violência. Por fim, o chanceler chamou-o à sua presença e repreendeu-o asperamente, chegando mesmo a maltratá-lo, segundo o próprio Tyndale deixou escrito.

Conhecido seu propósito de tornar as Escrituras conhecidas do povo, foram tantos os que se constituíram em seus adversários que resolveu ir a viver em Londres, onde chegou em julho ou agosto de 1523.

Vendo, porém, que em Londres a corrupção lavrava tanto como no resto da Inglaterra, ou mais, ainda, e que não era lugar apropriado para a tradução das Escrituras, partiu em 1524 para Hamburgo e três meses depois tinha pronto o Novo Testamento.

Encontrou-se com Lutero e as obras deste tiveram muita influência sobre ele, mas nas investigações a que modernamente se tem procedido ficou demonstrado que não foi um simples tradutor da versão alemã.

Tyndale era, se considerarmos a época em que viveu, um grande helenista e para a sua tradução serviu-se do Novo Testamento grego de Erasmo, publicado em 1522. Quando o

trabalho estava quase concluído foi à cidade de Colônia para tratar de sua impressão.

No princípio tudo correu bem, mas, chegando ao conhecimento de João Cochlaeus, um dos vigilantes e mais rancorosos inimigos da Reforma, que se estava tirando uma edição de 3.000 exemplares das Escrituras em inglês, conseguiu que o Senado de Colônia proibisse a impressão e, como lhe constasse que Tyndale, avisado do caso antecipadamente, fugira para Worms, levando consigo as folhas que já estavam impressas, mandou prevenir Henrique VIII, o cardeal Wolsey e o bispo de Rochester a fim de que nos portos ingleses houvesse a maior vigilância.

Pôde então voltar a Worms para completar o seu trabalho e tirou outras edições, ao todo 6.000 exemplares, dos quais existem apenas dois ou três atualmente.

Uma porção destes Testamentos chegou à Inglaterra pelo ano de 1526 e, indo um exemplar para as mãos do bispo, reuniu-se um conclave em que ficou decidido que deviam ser queimados todos quantos fossem descobertos e que todas as pessoas que não os entregassem ao vigário geral os que tivessem em seu poder incorreriam na pena de excomunhão.

Deu-se um caso interessante em Antuérpia, com o bispo Tunstal. Tendo este comprado, por intermédio de Packington, amigo íntimo de Tyndale, uma grande quantidade de Testamentos com o fim de mandar queimar e tendo pago por eles uma elevada quantia, foi esse dinheiro aproveitado pelo eminente tradutor para tirar uma nova edição.

A sua primeira obra original, intitulada “A Parábola do Perverso Mamom”, saiu à luz em Marburg no ano de 1528. É uma espécie de comentário à parábola do juiz iníquo, na qual vem claramente exposta a doutrina da justificação pela fé.

Sir Tomás More chamou este livro de: “O Perverso Livro de Mamom, um verdadeiro poço de iniquidades”. O seu autor, sem desanimar perante a má recepção que esta sua primeira obra teve na Inglaterra, apresentou uma outra mais desenvolvida e de maior alcance: “A obediência do cristão”.



Excetuando a Palavra de Deus, foi este livro o que mais contribuiu para a Reforma na Inglaterra.

As autoridades eclesiásticas encheram-se de raiva e o que as irritava mais era a impossibilidade de impedir a sua circulação ou de refutar seus argumentos. Tyndale, no fim do prefácio, apresenta as razões porque o povo deve ler as Escrituras na sua própria língua.

Em 1530 publicou a tradução do Pentatêuco e a sua célebre “Prática dos Prelados”, em que ele mostra as práticas por meio das quais o papa e os clérigos em geral, outrora humildes e paupérrimos, se tornaram orgulhosos e amontoaram grandes riquezas.

Tendo voltado a Antuérpia em 1534, hospedou-se em casa de um negociante chamado Pointz, onde foi preso, em virtude de um mandado vindo da Inglaterra e foi encarcerado no castelo de Vilvorde, onde permaneceu mais de um ano.

Tanto na Inglaterra quanto na Bélgica lançou mão de todas as tentativas para o livrar da morte, mas inutilmente.

Em virtude de um decreto do imperador, formulado na assembleia de Augsburgo, sofreu, em 1536, morte por estrangulamento, sendo a seguir seu corpo consumido pelas chamas.

Quando chegou ao local da execução, pronunciou em voz alta e bem distinta estas palavras, em que parecia ter posto todo o coração: “Senhor, abre os olhos do rei da Inglaterra”.

E assim terminou esta vida de fê, toda ela consagrada àquela grande obra, fonte de inúmeras bênçãos para o povo britânico e, através deste, para o mundo em geral.

Os seus compatriotas são propensos a atribuírem a outrem quase tudo quanto ele deixou de útil e de grandioso, mas o que é inegável é que a sua influência cresce à medida que as gerações se sucedem.

Quanto mais de perto o estudamos, tanto mais claramente se nos apresenta a superioridade de seu caráter. Foi um ingênuo na vida íntima; um incansável na luta; um manancial de ternura nos seus esforços para derramar o bem para todos; um herói na morte!

.oOo.

## **DOCTOR BUGENHAGEN MINISTRO DE WITTENBERG**

Nasceu no dia 24 de junho de 1485, na cidade de Wollin, situada na Pomerânia.

Aos dezessete anos matriculou-se na Universidade de Greifswald e com tanto ardor se dedicou aos estudos que dois anos depois, isto é, em 1504, foi nomeado Diretor do Ginásio de Treptow.

Achou em André Knopke um excelente amigo e colaborador e, sob a direção de ambos. A escola tornou-se um estabelecimento tão notável para o ensino da latinidade que até de Westphalia e de Livland vieram jovens para frequentá-la.

Bugenhagen ia, entretanto, estudando os livros dos profetas e dos apóstolos, juntamente com os comentários de Jerônimo e de Agostinho. Pouco depois, passou a fazer conferências sobre a Bíblia, tratando, em primeiro lugar, destas três partes: o Evangelho de Mateus, as Epístolas a Timóteo e os Salmos.

Como era natural, isto deu como resultado constituir-se em pregador regular, recebendo a ordenação. Escreveu a “História da Pomerânia” e um Manuel de devoção, baseado nas narrativas da paixão e morte do Senhor.

Embora estivesse empenhado em purificar a igreja dos abusos e escândalos que a enodoavam, a ideia da Reforma nunca passou por sua mente, senão depois de ter lido um opúsculo de Lutero, que, inicialmente lhe provocou grande indignação, mas que, por fim, lhe abriu os olhos, e foi tal sua comoção espiritual que, na primavera de 1521, partiu para a Saxônia a fim de encontrar-se pessoalmente com o reformador.

Quando ele chegou a Wittenberg, Lutero estava de partida para Worms, sendo, como sabemos, onde permaneceu dois anos. Melancton, porém, permaneceu em Wittenberg e com ele é que Bugenhagen se preparou para desempenhar também o seu papel de reformador.

Assim como em Treptow, começou a fazer preleções sobre os Salmos e os seus auditórios foram crescendo de tal maneira que, aconselhado por Melancton, entrou para o corpo docente da Universidade, onde poderia dispor de um salão com a capacidade que lhe convinha.

Foram importantes os serviços que ele prestou em Wittenberg, sendo um deles o de acalmar, até a vinda de Lutero, a agitação que lavrava entre os reformadores por causa das pregações de Carlstadt que queria implantar, segundo as suas próprias palavras, uma reforma de muito maior alcance e que, por pouco, não fez desmoronar todo o edifício, com grande satisfação dos romanistas.

Em 1522, o Senado e o Conselho decidiram, por unanimidade de votos, convidá-lo para pastor da Igreja Alta e em 1536 foi nomeado superintendente geral das igrejas do ducado. Em 1527, casou-se com Eva Roer, que muito o ajudou na tradução da Bíblia.

Bugenhagen foi um ótimo companheiro para Lutero e com o seu tato conseguia muitas vezes acalmar os ímpetos deste, ímpetos que tornavam difícil a intimidade com Lutero.

Em 1527, escreveu uma carta aos amigos da Reforma residentes na Inglaterra, na qual refutava a afirmação de que os reformadores alemães estavam em completo desacordo. Em 1528 partiu para Brunswick a fim de organizar os serviços da igreja. Existe na Real Biblioteca de Berlin, escrita por seu próprio punho, uma resenha dos sermões que pregou naquela cidade.

De Brunswick passou a Hamburgo, onde foi tratar do mesmo assunto. Finalmente, após alguns anos de ausência, voltou à Pomerânia, onde prestou relevantes serviços à causa do Cristianismo, instruindo os seus conterrâneos nas doutrinas que recentemente havia aceitado.

De todas as suas viagens missionárias, porém, a mais prolongada e, sob alguns aspectos a mais notável, foi a que realizou à Dinamarca. Em 1529, foi apresentado em Flensburg a Cristiano III, sendo esta apresentação o início de uma amizade que durou até a morte do imperador.

Foi ele quem em Copenhagen presidiu o serviço de coroação dos monarcas, pondo-lhes ele mesmo a coroa sobre a cabeça. Organizou os Cursos da Universidade dinamarquesa, estabelecendo para cada ano uma série de conferências evangélicas.

Durante o cerco de Wittenberg, no outono de 1546, Bugenhagen desenvolveu uma grande atividade e foi talvez aos esforços sobre-humanos que empregou para atenuar a angústia do povo que os seus últimos anos foram caracterizados por uma espécie de decadência intelectual.

O seu falecimento teve lugar no dia 20 de abril de 1558, pouco antes de uma hora da manhã. Na véspera tinha repetido várias vezes: *“A vida eterna consiste em Te conhecer a Ti como o verdadeiro Deus e a Jesus Cristo, a Quem Tu enviaste”*.

.oOo.

## **JOÃO E AFONSO DE VALDEZ OS REFORMADORES ESPANHÓIS**

A família Valdez era uma das mais antigas e respeitáveis do reino de Leão e Castela. Fernando de Valdez, governador hereditário de Cuenca, tinha dois filhos, os quais chegaram a ocupar elevadas posições.

Afonso desempenhou o cargo de secretário do imperador Carlos V e João, o de tesoureiro do papa Clemente VII.

Não se sabe ao certo onde estes dois jovens, que desempenharam uma parte importante no grandioso drama da Reforma, receberam sua educação, mas não resta dúvida alguma de que receberam tudo quanto podia contribuir para que esta fosse completa.

Pedro Mártir de Angluera, que Ingo de Mendonza mandou vir da Itália com o fim de influir um tipo de maior nobreza na juvenil aristocracia espanhola, exerceu uma grande influência sobre eles.

Em 23 de outubro de 1520, Afonso, na sua qualidade de secretário de Carlos V, acompanhou o imperador a Aix-la-Chapelle e, numa carta que escreveu ao seu amigo Angluera, descreveu a cerimônia da coroação.

Não podemos dizer ao certo como veio a aceitar a Reforma. Em vista de algumas cartas, parece que no princípio não se sentia muito a favor de Lutero, considerando a sua conduta como resultado de grandes lutas que havia entre os agostinianos e os dominicanos para conquistarem a supremacia.

No ano seguinte, Valdez acompanhou o seu imperial amo, a Worms, onde ia realizar-se a célebre Dieta que tinha por fim regularizar a situação entre a Igreja e o Estado. Estava presente quando Lutero compareceu perante a Dieta e enviou a Angluera uma descrição do que se passou.

Foi um grande partidário de Erasmo que, como se sabe, tinha uma certa antipatia por Lutero, chegando até mesmo a atacar algumas das suas doutrinas, e obteve do imperador Carlos V a sua proteção.

Em 1522, Afonso de Valdez voltou à Espanha, onde teve ocasião de se encontrar com seu irmão e conversar com ele acerca daquele assunto que lhes era querido: a Reforma da Igreja.

Pouco depois das tropas do imperador entrarem em Roma, escreveu os célebres “Diálogos” que firmaram a sua reputação literária.

Os emissários de Roma ficaram alarmados com a impressão de que estes Diálogos produziram entre a nobreza

espanhola e os oficiais da Corte. O nuncio apresentou a sua queixa ao imperador e empregou todas as diligências para que o caso fosse submetido ao tribunal da Inquisição. As autoridades eclesiásticas, contudo, não viram no acusado um prosélito do luteranismo e mandaram-no em paz.

Em 1529, Carlos V partiu para a Itália e levou consigo o seu secretário, Afonso de Valdez, que nunca mais voltou à pátria. Assistiu em Bolonha à entrevista do papa com o Imperador, entregando este ao soberano, que se havia ajoelhado, a coroa da Lombardia.

Em Innsbruck recebeu a notícia de dois falecimentos: o do grande chanceler Gattinara, seu amigo e protetor, e o de Dom Fernando de Valdez, seu pai. Ainda existe a carta que Erasmo lhe escreveu, consolando-o por estas duas grandes perdas.

Carlos V, que se via em aperto por não querer ficar mal visto com o pontífice nem com os principais protestantes, encarregou Valdez de combinar com Melancton um jeito para viverem em paz. Das conferências que ambos tiveram resultou Melancton escrever a célebre Confissão de Augsburgo, a que até o imperador ficar ciente das doutrinas professadas pelos luteranos.

Valdez sabia que tinha caído das boas graças dos papistas e que os frades o odiavam a tal ponto que, se voltasse para a Espanha, nem o próprio imperador o poderia livrar de uma morte violenta. Em 1532, achando-se em Viena, na Áustria, onde grassava a peste, faleceu.

João, o outro irmão, era mais um intérprete das Escrituras, o místico teólogo, o pastor das almas ansiosas pela salvação. Como seu irmão, fez parte da Corte do imperador Carlos V, convivendo com a mais elevada sociedade da época.

As palestras religiosas que teve com Afonso e a leitura das obras de Erasmo despertaram-no e o fizeram dedicar-se a uma carreira mais nobre. Convencendo-se de que a sua vida corria perigo em Espanha, onde os inquisidores não dormiam, retirou-se para Nápoles, e daí, em 1531, foi para

Roma, vindo mais tarde a entrar para o serviço do papa Clemente VII, na qualidade de seu camareiro. Foi este, sem dúvida, um episódio bem singular na sua vida, mas que lhe havia de proporcionar o ensino prático de muitas coisas e reforçar as suas convicções no tocante à Reforma.

Foi em Nápoles, onde residiu oito anos, que ele pôs em execução a grandiosa tarefa de sua vida. Ao serviço do puro Evangelho de Jesus Cristo pôs todas as suas aptidões de toda a sua atividade.

Residia num suntuoso palácio, rodeado de jardins, e era ali que ele recebia os numerosos amigos que o procuravam, atraídos pela sua boa sociedade e pelas suas instruções religiosas. E foi desta singular maneira que um espanhol se tornou o principal promotor da Reforma na Itália.

Algumas de suas obras têm sido recentemente descobertas na Imperial Biblioteca de Viena. A pedido de Julia de Gonza, dama de nobre nascimento de elevados dotes de coração, escreveu o “Alfabeto Cristão”, que sob a forma de diálogo expõe os elementos do Cristianismo Prático. Foi igualmente para benefício desta dama que escreveu os seus comentários a alguns livros da Escritura.

Valdez era um grande hebraísta e traduziu os Salmos para o espanhol, acompanhando-os de algumas notas elucidativas. A obra que se tornou mais conhecida foi “Cento e Dez Considerações”, excelente devocionário que devia ser lido por todo aquele cuja fé e caridade necessitam ser estimuladas.

Foi no outono de 1541 que João Valdez deixou a companhia dos inteligentes e sinceros cristãos da Nápoles para ir para a companhia de Cristo triunfante.

A sua falta foi muitíssimo sentida e sinceramente lamentada e um dos seus discípulos escreveu: “Foi uma grande perda para nós e para o mundo, porque Valdez era um homem como há poucos na Europa, o que ficou demonstrado por aquilo que escreveu acerca dos Salmos e das epístolas de Paulo. As suas obras, as suas palavras, os seus pensamentos, tudo nele era digno de louvor”.

Depois de sua morte, levantou-se uma perseguição e os seus discípulos foram dispersos: alguns deles sofreram o martírio e outros foram viver em pontos distantes, espalhando profusamente a semente da verdade espiritual.

Um escritor católico romano calcula que 3.000 pessoas, pelo menos, foram levadas a adotar as doutrinas da Reforma pela influência do evangelista castelhano.

Os dois irmãos Valdez fornecem-nos um exemplo do poder da divina graça no coração e na vida dos verdadeiros cristãos. Foram rejeitados pelos seus compatriotas, mas Deus os aceitou.

Os inimigos da verdade procuraram matá-los e destruir suas obras, mas a semente de Deus permaneceu, como sempre, incorruptível e imorredoura.

.oOo.

## **CRONOLOGIA DA REFORMA**

- 1366 Wycliffe começa tornar-se notável.
- 1369 Nascimento de João Huss.
- 1371 O Parlamento inglês, em virtude de um protesto de Wycliffe, ocupa-se da questão dos clérigos.
- 1373 Nomeia-se uma comissão para expor ao papa Gregório XI as decisões do Parlamento inglês.
- 1377 Wycliffe é intimado a comparecer perante a Convocação de Canterbury.
- 1382 O arcebispo de Canterbury convoca os bispos para darem o seu parecer quanto às doutrinas de Wycliffe.
- 1384 Morte de João Wycliffe.
- 1403 Huss é nomeado reitor da Universidade de Praga.
- 1405 Huss prega contra o papa e os cardeais.
- 1411 Huss é excomungado por não se ter apresentado em Roma.
- 1414 Huss comparece perante o Concílio de Constança.
- 1415 Huss morre na fogueira.



- 1415 O Concílio de Constança ordena que os ossos de Wycliffe sejam desenterrados e reduzidos a cinzas.
- 1467 Nascimento de Erasmo.
- 1483 Nascimento de Lutero.
- 1484 Nascimento de Tyndale.
- 1485 Nascimento de Latimer.
- 1485 Nascimento de Bugenhagen.
- 1489 Nascimento de Farel.
- 1497 Nascimento de Melancton.
- 1500 Regresso de Erasmo a Paris.
- 1501 Lutero matricula-se na Universidade de Erfurt.
- 1504 Bugenhagen é nomeado Diretor do Ginásio de Treptow.
- 1505 Nascimento de João Knox.
- 1507 Erasmo parte para a Itália.
- 1508 Melancton matricula-se na Universidade de Heidelberg.
- 1509 Nascimento de Calvino.
- 1510 Farel parte para Paris.
- 1510 Latimer toma ordens sacras.
- 1517 Lutero afixa as noventa teses na igreja em Wittenberg.
- 1520 Lutero convoca os professores e estudantes para assistirem à queima das bulas.
- 1520 Afonso de Valdez parte com o imperador Carlos V para Aix-la-Chapelle.
- 1520 Farel abandona o catolicismo.
- 1520 Melancton casa com Catarina Crapp.
- 1521 Erasmo parte para a Itália.
- 1521 Bugenhagen parte para Saxônia, a fim de se encontrar com Lutero.
- 1521 Tyndale é nomeado preceptor dos filhos de um certo aristocrata.
- 1521 Lutero prega em Wittenberg o seu primeiro sermão evangélico.
- 1522 Bugenhagen é convidado para pastor da Igreja Alta.
- 1523 Tyndale parte para Paris.

- 1524 Tyndale parte para Hamburgo, para completar a tradução do Novo Testamento.
- 1552 Lutero casa com a ex-freira Catarina de Bora.
- 1552 Bugenhagen escreve uma carta amigos da Reforma residentes na Inglaterra.
- 1526 Chegam à Inglaterra os primeiros exemplares do Novo Testamento traduzido por Tyndale.
- 1527 Bugenhagen casa com EVA Rorer.
- 1528 Bugenhagen parte para Brunswick, a fim de organizar os serviços da igreja.
- 1528 É publicada a “Parábola do Perverso Mamom” de Tyndale.
- 1529 Bugenhagen é apresentado em Flensburg, a Cristiano III, rei da Dinamarca.
- 1530 Tyndale publica a sua tradução do Pentatêuco e a “Prática dos Prelados”.
- 1530 Farel aparece em Neuchatel.
- 1530 Latimer é consultado sobre o casamento de Henrique VIII com Catarina de Aragão.
- 1531 João de Valdez parte para Roma.
- 1531 Em virtude das pregações de Farel, é implantado em Valengin o Cristianismo puro.
- 1532 Morte de Afonso de Valdez.
- 1535 Latimer ataca fortemente, em Bristol, as doutrinas da igreja de Roma.
- 1535 Latimer é consagrado bispo de Worcester.
- 1536 Tyndale é morto por estrangulamento.
- 1536 Morte de Erasmo.
- 1536 Bugenhagen é nomeado superintendente das igrejas da Saxônia.
- 1536 Os habitantes de Genebra reúnem-se, a pedido de Farel, e juram fidelidade ao Evangelho.
- 1536 Calvino publica os “Estatutos da Religião Cristã”.
- 1538 Calvino e Farel são expulsos de Genebra.
- 1539 Latimer resigna o bispado de Worcester.
- 1540 O governador de Genebra pede a Calvino que volte àquela cidade.

- 1541 Morte de João de Valdez.
- 1546 Cerco de Wittenberg, durante o qual Bugenhagen desenvolve uma grande atividade.
- 1548 Publica-se o Manual para uso dos cultos, em que Melancton colaborou.
- 1526 Reúne-se a Dieta de Espira.
- 1549 Calvino fica viúvo.
- 1553 Latimer é intimado a comparecer perante o Conselho em Westminster.
- 1555 Latimer é queimado vivo.
- 1557 Melancton fica viúvo.
- 1558 Morte de Bugenhagen.
- 1559 Knox parte de Genebra para a Inglaterra.
- 1559 Morte de Melancton.
- 1560 O Parlamento escocês tem a sua primeira sessão.
- 1563 Knox casa, em segundas núpcias, com Margarida Stewart.
- 1564 Morte de Calvino.
- 1565 Morte de Farel.
- 1567 Constitui-se a Igreja Nacional da Escócia, a grande obra de Knox.
- 1570 Morte de João Knox.

**.oOo.**